

GISELE APARECIDA DA SILVA ALVES



**CONSTRUÇÃO DE UMA ESCALA DE *COPING*
OCUPACIONAL (ESCO): ESTUDOS PSICOMÉTRICOS
PRELIMINARES**

ORIENTADOR: PROF. DR. MAKILIM NUNES BAPTISTA

ITATIBA
2010

GISELE APARECIDA DA SILVA ALVES



**CONSTRUÇÃO DE UMA ESCALA DE *COPING*
OCUPACIONAL (ESCO): ESTUDOS PSICOMÉTRICOS
PRELIMINARES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Universidade São Francisco para obtenção do título de mestre.

ORIENTADOR: PROF. DR. MAKILIM NUNES BAPTISTA

ITATIBA
2010

158.98 Alves, Gisele Aparecida da Silva.
G479c Construção de uma Escala de Coping Ocupacional
 (ESCO): estudos psicométricos preliminares / Gisele
 Aparecida da Silva Alves. -- Itatiba, 2010.
 60 p.

 Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-
 Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Universidade
 São Francisco.
 Orientação de: Makilim Nunes Baptista.

 1. Coping ocupacional. 2. Avaliação psicológica.
 3. Psicometria. I. Baptista, Makilim Nunes. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelas bibliotecárias do Setor de
Processamento Técnico da Universidade São Francisco.



UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
EM PSICOLOGIA

Gisele Aparecida da Silva Alves, defendeu a dissertação “**Construção de uma Escala de Coping Ocupacional (ESCO): Estudos Psicométricos Preliminares**” aprovada pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Universidade São Francisco em 26 de agosto de 2010 pela Banca Examinadora constituída por:

Prof. Dr. Makilim Nunes Baptista (Presidente)
Universidade São Francisco

Profa. Dra. Ana Paula Porto Noronha
Universidade São Francisco

Profa. Dra. Maria do Carmo Fernandes Martins
Universidade Metodista de São Paulo

CAMPUS DE BRAGANÇA PAULISTA Av. São Francisco de Assis, 218 - CEP 12916-900 Fone (11) 2454-8000 - FAX (11) 2454-1825
CAMPUS DE CAMPINAS Rua Waldemar César da Silveira, 105 - Cura D'Ars CEP 13045-510 (19) 3779-3300
CAMPUS DE ITATIBA Rua Alexandre Rodrigues Barbosa, 45 - CEP 13251-900 Fone (11) 4534-8000 - FAX (11) 4524-1933
CAMPUS DO PARI - SÃO PAULO Rua Hannemann, 352 - Pari - CEP 03031-040 Fone (11) 3315-2000 - FAX (11) 3315-2036

Aos meus pais, Rosalina da Silva Alves e João Gotardo Alves, que para nos ver felizes e realizados, doam-se por completo, abdicam dos próprios sonhos e conforto e lutam conosco, sem medir esforços.

Agradecimentos

Primeiramente, agradeço a Deus, por sua infinita bondade e amor, por interceder nos momentos mais difíceis, por reafirmar minha fé Nele, deixando sinais claros de sua presença na minha vida.

Grata eternamente aos meus pais, Rosalina da Silva Alves e João Gotardo Alves, a quem este trabalho foi dedicado, pela entrega, doação de si, generosidade, carinho, suporte, compreensão, preocupação, zelo, atenção e por tudo mais que se resume no amor incondicional que despendem a mim e aos meus irmãos. Muito obrigada pela educação e autonomia que me deram, por me ensinarem meus valores, a “permanecer persistente” e nunca desistir dos meus sonhos e por ajudar a torná-los possíveis. Vocês me ensinaram, desde pequena, o quanto a Educação é importante e libertadora. Peço perdão pelos momentos de retiro e de ausência, para que eu pudesse me dedicar à minha formação.

Aos meus irmãos, Giovani da Silva Alves e Keli Cristina Costa, por estarem sempre ao meu lado. Sinto-me honrada por fazer parte importante de suas vidas. Gi, obrigada por todo apoio e por acreditar em mim. Espero que você saiba que é recíproco. Keli, agradeço a Deus por você ter entrado em nossas vidas após tantas interpéries na sua vida, desde pequenina. Aprendo muito com você, todos os dias, torço muito pela sua felicidade e superação e admiro sua maneira de viver intensa e calorosamente.

Ao meu noivo, Fábio Hideki Mizuta, por ser meu porto seguro, demonstrar seu amor das formas mais carinhosas e autênticas, me permitir fazer parte da sua vida,

sempre me compreender de forma tão completa, estar sempre ao meu lado, compartilhar comigo suas experiências e me deixar compartilhar as minhas com você, viver meus sonhos comigo e me permitir viver os seus também. Obrigada por entender meu momento, minha chance, minha continuação com os estudos. Desculpe-me por estar ausente, por vezes, para que eu pudesse desenvolver meus trabalhos.

Aos membros de minha segunda família, Rosa Mineko Mizuta e George Mizuta. Muito obrigada por todo apoio e carinho. Ainda, meus cunhados Leni Sayuri Mizuta e Rogério Matsuda. À família Osoegawa, Patrícia, Luiza e Fernando. Vocês todos são presentes divinos em nossas vidas. Obrigada a todos vocês pelo apoio e torcida.

Ao meu orientador e amigo, Makilim Nunes Baptista, por ter me guiado em minha vida acadêmica desde o início, ter me ensinado tanto, dividindo comigo parte de seus conhecimentos, ter acreditado em mim e ser um modelo de pessoa e professor. Muito obrigada pelo carinho, dedicação e compreensão nos momentos difíceis e espero ter correspondido às suas expectativas.

Aos Professores do Programa de Pós Graduação Stricto-Sensu da Universidade São Francisco, por também terem contribuído de forma importante à minha formação. Agradeço de forma especial aos Professores Doutores Fermino Fernandes Sisto, Acácia Aparecida Angeli dos Santos e Ana Paula Porto Noronha, que me despertaram o desejo de seguir a área acadêmica e me interessar, lá no início da graduação, pela Avaliação Psicológica e serem agora, modelos para minha trajetória profissional. Prof. Fermino, além do ensino formal, nas mais simples “*small-talks*” o Senhor conseguia me mostrar as coisas de forma singular. Profa. Acácia, obrigada também pelas contribuições na banca

de qualificação, pelo carinho, ensinamentos e por me permitir presenciar seu dom à docência. Estendo os agradecimentos especiais às Professoras Doutoras Anna Elisa de Villemor Amaral e Maria Cristina Joly, pelos apontamentos e contribuições ao trabalho na disciplina de seminários.

Aos Professores membros da banca de defesa, Professora Ana Paula Porto Noronha e Professora Maria do Carmo Fernandes Martins, pelos importantes apontamentos para o aprimoramento deste trabalho.

À Professora Mariângela Savóia, pela atenção e contribuições a esse trabalho como membro externo na banca da qualificação.

À Profa. Cássia Bigheti, colega de profissão, professora e amiga, por todo carinho, atenção, ensinamentos e apoio. À Profa. Anália Quelho, pela disponibilidade de sempre e por seus ensinamentos.

Aos meus amigos, muito obrigada por sua doce e agradável presença na minha vida. Agradeço de forma mais que especial à minha amiga e “irmã de coração”, Mayra Silva de Souza, já que sem você eu certamente não teria conseguido. Você resignificou para mim o conceito de amizade. Incluo aqui também e de forma especial os amigos mais próximos, Rodolfo Ambiel, Marina Gurgel, Lucas de Carvalho, Gisele Pianowski, Mariana Varandas, Fernando Pessotto, Ana Lúcia Pinheiro Fernandes, Fabiano Koich, Fernanda Ottati, Hugo Ferrari e Natália Dias.

Agradeço também aos meus alunos, que tanto me ensinam, também.

Aos amigos mais distantes e outros membros da família. Me desculpem pelo distanciamento e obrigada por me compreenderem.

Aos amigos de minha turma de mestrado, especialmente Rod, Thalyta, Gal e Cláudio. Aos amigos da graduação, Neíza e Camila Galvão, Márcia Rosa, Marcela Gresson e Gabriel Malentachi. Saudades já.

Ao casal Marcelo e Thelma e à Adriana Munhoz e Lariana Paula, pela disponibilidade e contribuição na coleta de dados. Aos coordenadores que autorizaram a coleta e sujeitos que participaram do estudo.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro para a realização deste trabalho.

Resumo

Os objetivos deste trabalho foram, no primeiro estudo, a construção dos itens que comporam a Escala de *Coping* Ocupacional (ESCO) e a avaliação da clareza dos itens e das instruções contidas na escala. No Estudo 2, objetivou-se buscar evidências de validade relativas a estrutura interna dos itens para ESCO, por meio da análise fatorial, bem como avaliar os coeficientes de fidedignidade do tipo consistência interna (alfa de Cronbach) da escala e seus fatores. Dessa forma, no primeiro estudo, os itens foram construídos com base na literatura e em idéias contidas em itens de outras escalas internacionais que avaliavam coping e coping ocupacional. Este primeiro conjunto de itens contou com 77 itens que, após aprovação do comitê de ética e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido por parte dos participantes, foram aplicados coletivamente a 52 universitários trabalhadores, com idades entre 18 e 39 anos, sendo 55,77% do sexo feminino. Além de responderem a escala, era pedido aos participantes que indicassem itens confusos, dúbios ou de difícil compreensão, bem como avaliassem se as instruções da escala estavam claras. Como resultados do Estudo 1, optou-se por modificar a forma de responder à escala, de acordo com a abordagem disposicional, sendo que as instruções do instrumento foram modificadas, bem como o tempo verbal das afirmações dos itens e a Escala Likert. Três itens foram excluídos e outros, modificados para se tornarem mais claros e compreensíveis. Assim, a escala a ser utilizada no Estudo 2 contou com 74 itens. No Estudo 2, a ESCO foi aplicada em 335 universitários trabalhadores (que não incluem participantes do primeiro estudo), com idades entre 18 e 56 anos, 52,5% do sexo feminino (52,5%). As ocupações dos participantes, coletadas no cabeçalho da ESCO, foram categorizadas seguindo os códigos da Classificação Brasileira de Ocupações. Como resultados, a ESCO revelou ser fatorável, de acordo com o KMO, e foram encontrados 4 fatores, de acordo com o Scree Plot, explicando 46,1% da variância, denominados Planejamento, Interações Sociais, Evitação e Emoções Negativas. Foram retirados os itens que se encontravam em mais de um fator, excluídos aqueles que possuíam conteúdos semelhantes por meio de análise semântica e excluídos também os itens com cargas fatoriais abaixo de 0,30. São descritos ao longo do trabalho as Cargas fatoriais, Comunalidades, Variância e Eigenvalues. Quanto a fidedignidade, foram encontrados índices iguais ou maiores que 0,70, considerados satisfatórios, considerando-se o alfa de Cronbach.

Palavras chave: coping ocupacional, avaliação psicológica, psicometria.

Abstract

This work aimed, first, at constructing items that will compose Escala de *Coping* Ocupacional (ESCO) and to assess how clear the items and instructions of the scale are. At Study 2, the aim was to search for validity evidences in relation to ESCO items internal structure, through factorial analysis, as well as to assess reliability coefficients by internal consistency (Cronbach's alpha) of the scale, and its factors. This way, at the first study, items were constructed based on literature and ideas from other international scale items assessing coping and occupational coping. The first set of items was constituted of 77 items that were administrated collectively to 52 working undergraduates, aging from 18 to 39 years old and 55.77% female after approval by ethics committee and after they signed the informed consent (TCLE). It was also requested from participants to indicate confused items, or those that were difficult to understand, as well as possible unclarities in the instructions. As results to Study 1, the way to answer the scale was modified, according to the dispositional approach, so that the instrument instructions were also modified, as well as verbal tenses of the items, and Likert scale. Three items were deleted and others were modified to become clearer and understandable. The scale that was administrated in Study 2 was composed of 74 items. In Study 2, ESCO was administrated to 335 worker undergraduates (who did not take part in Study 1), aging from 18 to 56 years old and 52.5% female. The participants' occupations were classified according to Classificação Brasileira de Ocupações. As results, ESCO revealed itself factorable, according to KMO, and 4 factors were found, according to scree-plot, so that 46.1% of variance was explained. The factors were named Planning, Social Interactions, Avoidance and Negative Emotions. Items that were in more than one factor, possessed very similar content according to semantics analysis or with factorial loading bellow 0.35 were deleted. Along the work, factorial loadings, communalities, variance and eigenvalues are described. As to reliability, satisfactory rates were found, considering Cronbach's alpha.

Keywords: occupational coping, psychological assessment, psychometrics.

Sumário

Lista de Tabelas.....	xiv
Lista de Figuras.....	xv
Apresentação.....	1
Introdução.....	3
Instrumentos para avaliação do Coping.....	20
Estudo 1 – Construção dos itens.....	29
Método.....	29
Objetivo.....	29
Etapa 1.....	29
Etapa 2.....	30
Objetivo.....	30
Participantes.....	31
Instrumentos.....	31
Procedimentos.....	32
Resultados e e Discussão.....	32
Estudo 2 – Precisão e Evidências de Validade.....	37
Objetivo.....	37
Participantes.....	37
Instrumentos.....	38
Procedimentos.....	38

Resultados.....	39
Discussão.....	44
Referências.....	53
Anexo I – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (formato 1).....	59
Anexo II - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (formato 2).....	60

Lista de Tabelas

Tabela 1. Eigenvalues e Variância Explicada.....	37
Tabela 2. Cargas Fatoriais dos Componentes Rotados (Varimax) Extraídos de Fatores do Eixo Principal e Comunalidades da ESCO.....	39
Tabela 3. Correlações entre os fatores da ESCO.....	40

Lista de Figuras

Figura 1. Gráfico de Sedimentação dos Eigenvalues.....	38
--	----

Apresentação

A literatura disponível sobre o construto de *coping*, além de possuir escassez de estudos nacionais, apresenta confusões no que diz respeito à conceitualização do construto e utilização das diversas abordagens para sua avaliação e entendimento teórico. Isto deve ter influenciado diretamente nos instrumentos psicológicos disponíveis para sua avaliação, que se faz necessária em diferentes contextos, especialmente no organizacional. No que se refere à avaliação psicológica do *coping* ocupacional, os instrumentos encontrados na literatura que avaliavam o construto foram construídos fora do Brasil, sendo que não foram encontradas escalas construídas no país, poucas foram traduzidas para o português e ainda menos escalas adaptadas para o âmbito nacional.

É nesse contexto em que se encontra o presente trabalho. O objetivo deste trabalho foi o de construir uma escala que avalie *coping* no contexto ocupacional e disponibilizar aos psicólogos que atuam na área organizacional e da saúde, mais um instrumento psicológico que os auxilie no processo de avaliação psicológica que se fizerem necessários para a eficiência de seu trabalho. Ao lado disso, a intenção desse trabalho é disponibilizar aos psicólogos que atuam nas áreas organizacionais um instrumento com evidências de validade e fidedignidade que ajude a promover melhores avaliações e intervenções com os trabalhadores brasileiros que se doam às organizações e por vezes, prejudicam sua saúde desgastando-se emocional e fisicamente por não possuírem estratégias de *coping* adequadas às diversas demandas internas e externas.

Para se atingir esses objetivos, o presente trabalho está dividido da forma que segue. Inicialmente, a Introdução traz um breve histórico do conceito de *coping* em contextos gerais e em diferentes âmbitos. Ao lado disso, discorre-se também sobre as diferentes abordagens do construto e de sua avaliação, bem como sobre suas implicações teóricas e práticas em situações de avaliação de *coping*. No subtítulo “Instrumentos para Avaliação do *Coping*”, apresentam-se os instrumentos encontrados na literatura pesquisa que objetivam medir o construto em diversos contextos, bem como no organizacional, incluindo-se os instrumentos internacionais com estudos de adaptação brasileira.

Em seguida, inicia-se a apresentação dos métodos e resultados da pesquisa, que se dá em dois estudos. No primeiro são relatados todos os procedimentos de construção da escala, desde a formulação dos itens, descritos na etapa 1 até a testagem piloto com avaliação da clareza dos itens e instruções da escala, descrita na etapa 2 desse primeiro estudo. A seguir, são relatados e discutidos os resultados encontrados.

No Estudo 2, são descritas a análise inicial da estrutura fatorial da escala, constituindo-se como estudo de busca por evidências de validade relativas à estrutura interna dos itens, e estudo de fidedignidade (consistência interna).

Finalizando o trabalho, os resultados encontrados são discutidos à luz da teoria e de outras pesquisas realizadas sobre o tema, apontando necessidades de novos estudos e perspectivas futuras para os próximos estudos referentes à Escala de Coping Ocupacional (ESCO).

Introdução

De acordo com Kompier e Kristensen (2003), estressores podem fazer parte do trabalho, por vezes, simplesmente devido ao cargo ocupado. Assim, policiais e empregados em alas psiquiátricas podem ser confrontados com pessoas violentas, enfermeiras e departamentos de oncologia trabalham com pacientes terminais de câncer, bem como motoristas de ambulância e bombeiros podem ser confrontados inevitavelmente com crianças e adultos seriamente feridos ou mortos. Como pode se observar, alguns trabalhos são estressantes em si mesmos e que não se pode esperar que sejam reduzidos ou eliminados todos esses fatores de risco inevitáveis. Em tais circunstâncias, faz sentido preocupações a respeito de se os empregados lidam bem com as condições necessárias do trabalho. Desse modo, pensa-se se os trabalhadores seriam capazes de distinguir entre as condições naturais e inerentes de condições que podem ser mudadas.

Preocupados com o impacto das condições do trabalho na saúde mental e física do trabalhador, pesquisadores têm despendido esforços a fim de aumentar o conhecimento acerca do estresse experienciado no ambiente ocupacional (Cooper & Payne, 1988; Quick, Murphy & Hurrell, 1992). Mais de 40 anos de estudos sistemáticos geraram evidências sobre a existência de fontes estressoras no ambiente ocupacional e sobre fatores que contribuem com o aumento do estresse (O'Driscoll & Cooper, 1994). No entanto, pouco se conhece sobre *coping*, entendido como o modo como as pessoas lidam com o estresse que experienciam e quais estratégias ou estilos de enfrentamento ao

estresse experienciado no trabalho são mais ou menos efetivas, no sentido de funcionar a favor da saúde mental do indivíduo.

Fleming e cols. (1984) entendem o construto *coping* como a parte central do processo de estresse e incluem nele respostas abertas ou encobertas que são direcionadas para a redução desse processo. De acordo com Justice (1988), o *coping* é um conceito a ser explorado em pesquisas, mais do que o estresse, pelo fato de que ele pode ser definido com maior precisão, por ser um processo pelo qual as pessoas tendem a modificar ou eliminar os problemas que surgem. Segundo o autor, o *coping* pode ser correlacionado com medidas quantitativas de cognições, comportamentos, emoções, reações fisiológicas e situações sociais, tanto em ambientes controlados quanto naturais.

Até 1970, pesquisas sobre *coping* foram realizadas tendo como base teórica a perspectiva da psicologia do ego. De acordo com essa perspectiva, *coping* referia-se a mecanismos de defesa que são inconscientes e podiam ser avaliados apenas fazendo-se uso de observações clínicas, técnicas projetivas ou métodos de avaliação que faziam uso de respostas abertas (Cohen, 1987), embora algumas medidas de auto-relato tenham sido desenvolvidas também (Bond, 1986). Críticas ao modelo de mecanismos de defesa e procedimentos de medição favoreceram o surgimento de uma teoria mais autoritária da avaliação do *coping*, a teoria transacional de Lazarus e Folkman (1984), encorajando o desenvolvimento de diversos instrumentos em que os sujeitos eram requisitados a refletir sobre seus esforços conscientes para lidar (cope) com condições adversas (Folkman & Lazarus, 1980).

Antes de partir para as definições do coping, é necessário ressaltar que o termo é utilizado neste trabalho em inglês porque sua tradução literal é difícil e o termo é largamente conhecido pela comunidade científica da área, e sendo assim, o uso do termo em inglês pode evitar possíveis confusões. Para definir o termo *coping*, é importante que se faça uma distinção entre dois conceitos, que são importantes na definição do modelo teórico a ser utilizado. Esses dois conceitos são os estilos de *coping* (de acordo com a abordagem disposicional) e estratégias de *coping* (de acordo com a abordagem transacional). Essas duas concepções serão apresentadas nos próximos parágrafos.

Lazarus e Folkman (1984) os distinguem explicando que estilos de *coping* referem-se a traços de personalidade, sendo que deste modo, o indivíduo possuiria padrões definidos de comportamento frente aos diversos estímulos percebidos como estressores presentes no ambiente. Na abordagem disposicional o comportamento de *coping* é denominado de estilo e é concebido como disposições de personalidade que transcendem a influência do contexto ou do tempo, postulando a estabilidade destes comportamentos nos indivíduos (Holahan, Moos, & Schaefer, 1996).

No que concerne às estratégias de *coping*, os mesmos autores propõem significados que se referem a uma gama de cognições e comportamentos que ocorrem em reação a situações estressoras específicas, ou seja, mudanças constantes no repertório comportamental do indivíduo como resposta às necessidades de estímulos específicos. Segundo o ponto de vista teórico de Lazarus e Folkman (1984), *coping* funciona então de

acordo com um processo dinâmico, que muda conforme o tempo, em resposta a demandas específicas e avaliações cognitivas individuais da situação.

São encontradas na literatura diversas definições de *coping* ou estratégias e estilos de enfrentamento (Latack & Havlovic, 1992), no entanto, a definição de estratégias de *coping*, de acordo com a abordagem transacional ou situacional, proposta por Lazarus e Folkman (1984) parece ter tido mais impacto na comunidade científica no que se refere à conceitualização do construto, sendo então descrita por eles como esforços cognitivos e comportamentais constantemente mutáveis para controlar ou lidar com demandas internas e externas, avaliadas como excedentes aos recursos do indivíduo. Embora os pesquisadores geralmente concordem com a abordagem transacional de Lazarus e Folkman como o melhor modelo para explicar *coping*, eles também pontuam diversas limitações, tais como as especificadas a seguir.

Primeiramente, o modelo funcionaria mais como uma estrutura de referência geral do que como uma teoria. Isto pode ser devido ao fato de que os conceitos chave careceriam de uma definição mais bem elaborada e operacionalizada, por exemplo, o modelo não especifica um período de tempo específico para as estratégias de *coping*, negligenciando a questão de se eles envolvem apenas respostas imediatas ou se persistem por um longo período (Stone e cols., 1991). Outra importante crítica refere-se à conceitualização de *coping* como uma reação à situações estressoras, negligenciando desse modo o impacto de outros determinantes de *coping* como, por exemplo, recursos pessoais e sociais que podem dar forma às respostas de *coping* (Moos & Schaefer, 1993).

Ainda discorrendo sobre as críticas ao modelo de Lazarus e Folkman, diversos autores identificaram falhas metodológicas no método de avaliação de *coping* segundo a abordagem transacional, que é utilizado, por exemplo, no instrumento atualmente mais conhecido na avaliação de *coping*, o Ways of Coping Questionnaire, dos próprios Lazarus e Folkman, desenvolvido em 1985 (quando era nomeado como Ways of Coping Checklist) e revisado em 1988. (Stone e cols., 1991). O WCQ é um instrumento de auto-relato composto de 50 itens que contemplam diversas maneiras de lidar com estressores específicos experienciados no mês anterior e mede, de maneira geral, oito estratégias de *coping*, definidas como *coping* confrontativo, distanciado, de auto-controle, busca por suporte social, aceitação de responsabilidades, escape e evitação, resolução planejada de problemas e reavaliação positiva. Quanto a busca por suporte social, é importante que se ressalte que diversos aspectos do construto de suporte social podem estar contidos enquanto fatores do coping.

Embora muito utilizado, o WCQ tem sido criticado por falhas psicométricas, como baixa consistência interna e a falta de dados de teste-reteste (Parker & Endler, 1992; Stone & cols., 1992). A falta de estrutura fatorial estável, contudo, é considerada a carência mais importante (Parker & Endler, 1992). Pesquisadores que utilizam o WCQ têm encontrado um número diferente de fatores e diferentes padrões de escores, dependendo da amostra estudada (Amirkhan, 1990; Vitalino, Russo, Carr, Maiuro & Becker, 1985). Há, inclusive, uma recomendação feita por Tennen e Herzberger em 1985, que sugeriram para os pesquisadores que utilizam o WCQ que realizassem análise fatorial para suas próprias amostras e que fizessem uso desses resultados para determinar

as subescalas do instrumento. Tal recomendação não progrediu na clarificação de conceitos chave relacionados à avaliação de *coping*, além de ter gerado confusão na comunidade científica, já que muitos pesquisadores adotaram o hábito de adicionar, retirar e modificar itens do WCQ, dependendo da hipótese sob investigação ou da população que seria estudada, o que claramente impossibilita a comparação e replicação dos dados (Felton & Revenson, 1984; Long, 1990).

Segundo Ridder (1997), embora os pesquisadores geralmente concordem com o valor teórico da abordagem transacional de Lazarus e Folkman (1984), poucos a usam de fato. A autora argumenta que as pessoas possuem preferências de *coping* razoavelmente estáveis e que tais preferências são utilizadas em várias ocasiões e, por essa razão, tem limitado suas pesquisas à maneiras habituais de enfrentamento, ou seja, estilos de *coping*. Ridder pontua que essa abordagem disposicional (de estilos de *coping*) ajudaria a reduzir a complexidade da avaliação de *coping*, ainda que considere que a variabilidade situacional de *coping* não seja importante para o estudo do construto. Savoia (1995) aponta que as pessoas podem ser consistentes no modo como percebem o estresse e na maneira como o combatem, mesmo que essa consistência envolva variações sistemáticas de situações ou estilo. Assim, a tendência a escolher uma determinada estratégia de *coping* depende do repertório individual (muitas estratégias podem ser úteis para uma mesma situação) e de experiências tipicamente reforçadas.

Embora as conceitualizações de *coping* transacional e *coping* disposicional sejam frequentemente entendidas como opostos, de fato elas poderiam interagir e não seriam excludentes, entendendo que os estilos de *coping* podem influenciar as estratégias de

coping a serem escolhidas pelo indivíduo para a resolução de problemas (Antoniuzzi, 2000). Autores que concebem enfrentamento como respostas a eventos específicos reconhecem que determinadas estratégias de enfrentamento podem sofrer maior influência de características de personalidade, enquanto outras parecem sofrer maior influência de aspectos situacionais ou do contexto (Folkman, Lazarus, Gruen & De Longis, 1986).

Lazarus e Folkman (1984) citam que mais importante que tentar acertar se há um padrão dominante de respostas de *coping* é determinar se alguns desses padrões são mais úteis do que outros em momentos específicos, para certos tipos de estresse, com tipos de pessoas diferentes ou sob condições especiais. Para exemplificar, Howard (1984) cita um estudo feito por Cohen e Lazarus, em 1973, que estudaram relação entre o modo de *coping* e o estresse pré-operatório e recuperação de cirurgias. Eles encontraram que pacientes que usaram modos mais evitativos de *coping* geralmente se recuperavam melhor do que pacientes que usavam o modo vigilante. Em outras situações, contudo, como mudar-se para outro país, usar o modo vigilante e buscar informações poderia ser muito mais saudável e adaptativo.

Contudo, Carver, Scheier e Weintraub (1989) relatam que diferenças individuais podem influenciar respostas de *coping* a partir de certa estabilidade em suas manifestações, representada por estilos que as pessoas trazem consigo e utilizam quando se confrontam com situações de estresse. Assim, os indivíduos utilizam estratégias preferenciais de *coping* através de diversas situações problemáticas (circunstanciais), bem como em momentos distintos (tempo). Segundo Carver e Scheier (1994), as pessoas

desenvolvem formas habituais de lidar com o estresse e esses hábitos podem influenciar suas reações em novas situações. Desse modo, esses autores definem o estilo de *coping*, não em termos de preferência de um aspecto de *coping* sobre outros, mas em termos da tendência a usar uma reação de *coping* em maior ou menor grau, frente a situações de estresse.

Diversos autores construíram medidas que levavam em conta as duas abordagens (Carver e cols., 1989; Endler & Parker, 1990) na tentativa de identificar aspectos estáveis e variáveis do *coping*. Num estudo de Carver e cols. (1989), usando ambas abordagens, os autores encontraram modestas correlações entre *coping* relativo a uma situação particular e maneiras habituais de *coping*. Isso indica que preferências de *coping* sozinhas não predizem adequadamente os comportamentos de *coping* presentes em situações específicas. Mais especificamente, tal estudo demonstrou que preferências de *coping* e determinantes situacionais influenciam o comportamento de *coping* que é desempenhado pelo indivíduo. Entretanto, segundo Ridder (1997), utilizar essas duas abordagens do *coping* ao mesmo tempo não resolve os problemas metodológicos de ambas abordagens

Na literatura sobre *coping* na abordagem disposicional (Rudolph, Denning & Weisz, 1995), diversas conceitualizações ou tipologias têm sido apresentadas focalizando traços ou estilos de personalidade relacionadas ao *coping*. Assim, propostas de autores que usam diversas taxonomias para *coping* e sua avaliação serão discutidas a seguir. Destacam-se o estudo dos modelos de personalidade de tipo A e tipo B, monitorador e desatento, repressor e sensível, primário e secundário, passivo e ativo, aproximação e

evitação, direto e indireto, pró-social e anti-social. Embora apresentados por diferentes autores, estes estilos de *coping* apresentam muitos elementos em comum, sendo que alguns deles podem ser vistos como paralelos.

O modelo disposicional adotado por Holahan, Moos e Shaefer (1996) caracteriza-se por relacionar as diferentes respostas de *coping* ao desempenho de tarefas adaptativas por parte dos indivíduos. Assim, as estratégias de *evitação* constituem-se de um tipo de resposta de *coping* na qual o problema é colocado a distância até que o tempo ou outro fator modifique a situação estressante. Consideradas mais adaptativas na maioria das situações, as estratégias de *aproximação* são aquelas nas quais o indivíduo tenta lidar diretamente com o problema, reavaliando a situação com ajuda de um suporte social.

O comportamento tipo A é conceitualizado por Mathews (1982) como um estilo distinto de *coping* com eventos potencialmente incontroláveis. A ênfase é colocada em três componentes do comportamento do padrão A, denominadas luta competitiva, um senso de urgência e impaciência e agressividade-hostilidade. Tem sido observado que o padrão de comportamento do tipo A faz mais esforços para controlar uma situação do que o padrão do tipo B. Altos níveis de comportamento tipo A são relacionados de forma negativa com o nível de empatia, sugerindo que a competitividade, impaciência e os sentimentos hostis a ele relacionados podem desviar o indivíduo da preocupação como bem-estar dos outros. Não têm sido revelados efeitos da idade sobre o comportamento tipo A, mas um efeito de gênero tem se mostrado consistente, sendo que os meninos têm apresentado maior comportamento Tipo A do que as meninas, em todas as idades.

Também Lazarus e Folkman (1984), ao citar o modelo de comportamento tipo A/B, segundo Savoia (1999), relataram que tal modelo surgiu de observação clínica em vez de teorias. Friedman e Rosenman, citados por Lazarus e Folkman (1984) e por Savoia (1999) relatam que pessoas do tipo A estão propensas a ter uma doença cardíaca, já que estariam “envolvidas de forma agressiva em uma luta incessante e crônica para realizar cada vez mais em cada vez menos tempo”. Já pessoas do tipo B “raramente se sentem apreensivas por obter um número crescente de coisas ou de participar de uma série interminavelmente crescente de acontecimentos”. Ainda, segundo Savóia (1999), esse modelo de comportamento pode ser visto como um estilo de *coping* que inclui propriedades comportamentais, motivacionais e cognitivas.

Miller (1981), ao apresentar dois estilos de *coping* denominados monitorador e desatento, relatam que se referem ao estilo de atenção do indivíduo em situação de stress. O indivíduo representante do estilo monitorador utiliza estratégias que envolvem estar alerta e sensibilizado a aspectos negativos de uma experiência, apresentando uma atenção vigilante, procurando informações e visualizando a situação para controlá-la. O estilo desatento envolve distração e proteção cognitiva de fontes de perigo. Assim, o indivíduo apresenta um comportamento de desatenção, tendendo a se afastar da ameaça, distrair-se e evitar informações, postergando uma ação.

A tipologia de *coping* primário e secundário é apresentada por Band e Weisz (1988), segundo a qual primário significa o *coping* utilizado com o objetivo de lidar com situações ou condições objetivas, e o secundário envolve a capacidade de adaptação da pessoa às condições de stress. O estilo de *coping* passivo versus ativo (Holahan & Moss,

1985) considera ativo o *coping* no qual há esforços de aproximação do foco de stress, enquanto o estilo passivo evitaria o foco de stress. Estes estilos também são paralelos ao da tipologia aproximação versus evitação, que inclui vários tipos de estratégias de *coping* relacionadas aos comportamentos de aproximação e evitação da situação estressante, busca de informação e evitação de informação, focalização da atenção e distração e, ainda, passividade e atividade (Rudolph, Denning & Weisz, 1995).

Além disso, Rudolph, Denning & Weisz (1995) também apresentam o comportamento de *coping* em crianças através da dimensão de atividade (direta ou indireta) e de sociabilidade (pró-social ou anti-social). No estilo de atividade direta, as estratégias utilizadas objetivam especificamente ao estressor, enquanto que no estilo de atividade indireta, as estratégias procuram evitar ou remediar as conseqüências do estressor. No estilo de *coping* pró-social, o sujeito procura a ajuda de outros, enquanto que no estilo anti-social há uma ação agressiva contra outros.

O modelo de *coping* na perspectiva cognitiva envolve quatro conceitos principais. Assim, entende-se que *coping* é um processo ou uma interação que se dá entre o indivíduo e o ambiente; que sua função é de administração da situação estressora; que os processos de *coping* pressupõem a noção de avaliação, ou seja, como o fenômeno é interpretado e cognitivamente representado na mente do indivíduo; e por último, que o processo de *coping* constitui-se em uma mobilização de esforços, através da qual os indivíduos irão empreender esforços cognitivos e comportamentais para administrar as demandas internas e externas que surgem da sua interação com o ambiente (Folkman & Lazarus, 1980).

Além disto, neste modelo cognitivo, o *coping* é dividido em duas categorias no que se refere às dimensões de *coping*, a focalizada no problema e a focalizada na emoção. Essas categorias são entendidas como funções de *coping*, sendo que Lazarus e Folkman (1984) discorrem sobre algumas diferenciações importantes entre a função e a consequência do *coping*. Segundo os autores, a função diz respeito ao propósito a que a estratégia serve e as consequências dizem respeito ao efeito produzido pela estratégia. Assim, uma estratégia pode ter a função de evitação do estímulo aversivo, mas a utilização dela não resulta, necessariamente, em que a situação ameaçadora seja evitada.

Portanto, a respeito das funções do *coping*, Lazarus e Folkman (1984) propõem que o *coping* focalizado na emoção é definido como um esforço para regular o estado emocional associado ao problema causador de estresse, com o objetivo de reduzir a sensação física desagradável deste estado, dirigido a um nível somático e/ou a um nível de sentimentos. Frequentemente, as estratégias de *coping* focalizadas na emoção ocorrem quando já houve uma avaliação de que nada pode ser feito para modificar as condições de dano ou ameaça, como fumar um cigarro, tomar um tranquilizante, assistir a uma comédia na TV e sair para correr.

O *coping* focalizado no problema atua na situação que deu origem ao estresse, tentando mudá-la e alterar o problema existente na relação entre a pessoa e o ambiente que está causando a tensão. As estratégias de enfrentamento focalizadas no problema ocorrem, geralmente, quando as situações são avaliadas pelo indivíduo como fáceis de mudar e podem ser direcionadas internamente, geralmente incluindo a reestruturação cognitiva como, por exemplo, a redefinição do elemento estressor, ou externamente,

incluindo estratégias tais como negociar para resolver um conflito interpessoal ou solicitar ajuda prática de outras pessoas.

Segundo Lazarus e Folkman (1984), as funções do *coping* focalizadas no problema e as focalizadas na emoção podem ser efetivadas por meio de diversas estratégias, ou avaliadas por meio de diversas dimensões. Os autores propuseram quatro dimensões principais, sendo elas a busca de informações, ações diretas, inibição da ação e processos intrapsíquicos. A busca de informação implica no indivíduo buscar conhecimento sobre a situação estressante, presumindo que as informações obtidas podem auxiliar o indivíduo envolvido na situação estressora. As ações diretas incluem quaisquer atividades não-cognitivas de resolução de problema. A inibição da ação refere-se às situações em que a ação é percebida como algo que pode provocar mais danos do que vantagens. Por fim, os processos intrapsíquicos envolvem atividades cognitivas de resolução de problemas. Assim, essa teorização pressupõe que essas estratégias de *coping* são orientadas de acordo com a especificidade do contexto, variando em função do tempo, quantidade de estresse envolvida e das particularidades da situação em questão. No entanto, quando aplicadas no modelo disposicional, tais estratégias de *coping*, ou agora entendidas como dimensões do *coping*, podem fazer parte de um repertório comportamental definido do sujeito, envolvendo então padrões de comportamento que as pessoas tendem a seguir.

Além do *coping* focalizado no problema e do *coping* focalizado na emoção, Holahan, Moos e Schaefer (1996) propõem ainda mais duas vertentes relacionadas à operacionalização do *coping*, quais sejam, a de aproximação, que inclui estratégias

cognitivas e emocionais de lidar com a situação estressante (como *coping* ativo e busca de informações); e a de evitação, como negação ou distração, que tende a se relacionar negativamente com ajustamento psicológico, estando altamente ligada à depressão (Endler & Parker, 1990).

De acordo com Savoia (1995), o *coping* centrado no problema e na emoção possuem influências mútuas em todas as situações estressantes, sendo que as pessoas utilizam ambas as formas de *coping*, podendo impedir ou facilitar a manifestação de uma ou outra forma. Assim, a forma pela qual uma pessoa usaria o *coping* estaria determinada, em parte, por seus recursos, os quais incluem saúde e energia, crenças existenciais, habilidades de solução de problemas, habilidades sociais, suporte social e recursos materiais. Para a autora, o *coping* é também determinado por variáveis que diminuem o uso dos recursos pessoais e que podem ser de natureza pessoal, incluindo valores e crenças culturais que prescrevem certas formas de déficits de comportamentos ou ainda, podem ser ambientais, incluindo demandas que competem com os recursos pessoais e/ou agências como instituições que impedem os esforços de *coping*. Além disso, é preciso considerar a importância de fatores demográficos, pessoais, socioculturais e ambientais, entre outros, que influem no tipo de estratégias de *coping* a ser mobilizado (Piko, 2001).

A respeito dos fatores demográficos que influem no tipo de estratégias de *coping* utilizadas pelos indivíduos ou nos estilos de *coping* que eles possuem, Camara e Carlotto (2007) discutem gênero e os padrões ainda vigentes na sociedade brasileira. Tais padrões atribuiriam ao gênero masculino a razão, o controle e a liberdade, enquanto à mulher é

atribuída uma postura mais passiva e conformista. Esses padrões, mais que regras de comportamento, acabariam por criar, segundo as autoras, normas, valores, percepções e representações que constroem e definem a identidade dos indivíduos.

Assim, quando os padrões de gênero são assumidos como prototípicos, podem interferir negativamente na saúde dos indivíduos, uma vez que podem constituir-se em tarefa bastante árdua o cumprimento de papéis estereotipados do que é ser homem ou mulher (Taquette, Vilhena & Campos de Paula, 2004). De acordo com Bussey e Bandura (1999), a questão do gênero se origina de toda uma rede de relações e influências sociais que englobam determinantes psicossociais e socioestruturais. Assim, não seria apenas um modelo de transmissão familiar, mas decorre da transmissão social advinda dos múltiplos sistemas presentes na vida cotidiana.

Câmara e Carlotto (2007) também analisam as relações entre o *coping* e idade. Elas sugerem que esse comportamento está relacionado ao desenvolvimento cognitivo e à capacidade de auto-regulação das emoções, sendo que assim, quanto menor a idade, menor o repertório comportamental do sujeito para enfrentar situações estressoras de forma efetiva.

Ao lado disso, as estratégias de *coping* parecem ser efetivas na redução das dificuldades ambientais, da mesma forma que contribuem para um melhor ajuste do indivíduo aos problemas que encontra. A maneira como as dificuldades são enfrentadas influencia diretamente os níveis de saúde/bem-estar psicológico. Briner, Harris e Daniels (2004) sugeriram que comportamentos de enfrentamento (*coping behaviours*) podem minimizar o impacto do estresse e aliviar suas consequências. Em contraste, a falta de

estratégias de enfrentamento efetivas de estresse podem levar à decréscimos significativos no bem-estar, insatisfação com o trabalho, sentimentos de inadequação no trabalho e desempenho reduzido nele. Quando tal situação se prolonga, Gardner, Rose, Mason, Tyler e Cushway (2005) relatam o aparecimento de uma forma de estresse crônica e altamente debilitante conhecida como *Burnout*.

Em adição, Dewa (2007) abordou o papel da falta de estratégias adequadas de enfrentamento dos estressores no ambiente ocupacional como fatores ambientais de predisposição do indivíduo ao desenvolvimento e manutenção de doenças/transtornos mentais. França e Rodrigues (1999) discutiram que condições de trabalho estressantes intensas e prolongadas e a falta de recursos adequados para lidar com tais demandas podem anteceder tendências psicológicas e biológicas para transtornos mentais.

Rodrigues (2007), em sua pesquisa com 77 enfermeiros atuantes da cidade de São Paulo, investigou relações entre estressores encontrados no ambiente ocupacional e estilos de *coping*, de acordo com o WOC Checklist, versão adaptada. A autora encontrou resultados que indicaram que frente ao estressor denominado relacionamento com a equipe médica, os estilos de *coping* mais utilizados foram suporte social, resolução de problema e reavaliação positiva. No que se refere ao estressor processo de trabalho, os estilos de *coping* mais utilizados foram reavaliação positiva, suporte social e resolução de problema. Frente ao estressor emergência, os estilos mais utilizados foram resolução de problema, suporte social, autocontrole e reavaliação positiva. Frente ao estressor relacionamento com paciente e família, os estilos de *coping* mais utilizados foram resolução de problema, autocontrole e reavaliação positiva. Assim, os estilos mais

utilizados foram resolução de problemas e a reavaliação positiva e o menos utilizado foi fuga esquiva.

Latack (1986), utilizando a Escala de *Coping* Ocupacional construída por ela, também encontrou relações entre estressores específicos relatados pelos participantes da pesquisa e estratégias de *coping* diversas. Seus achados demonstraram, como hipotetizado, que uma estratégia de controle é menos provável em situações de trabalho caracterizadas por ambiguidade de papéis. Para outros estressores no trabalho, o tipo da situação estressora não se relacionou com o tipo de estratégia utilizada. Quanto à estressores de vida pessoal, os dados confirmaram a hipótese de que indivíduos que encaram mudanças consideráveis na vida pessoal são menos prováveis a adotar estratégias de controle relacionadas a lidar com situações de conflito no trabalho e mais prováveis a adotar estratégias de *coping* relativas ao manejo de sintomas. Quanto ao suporte social, resultados indicaram maiores associações deste com estratégias de controle, mas também com estratégias de escape relativas à ambiguidade de papéis. Vale ressaltar que o instrumento utilizado por ela foi adaptado para o Brasil. No entanto, o último estudo publicado referente a evidências de validade e precisão para o instrumento é o próprio estudo de adaptação, publicado por F. Pinheiro, B. Troccoli e R. Tamayo, em 2003, portanto, há mais de 7 anos.

Assim, o conceito de coping envolve diretamente as estratégias de resolução de problemas que o indivíduo lança mão a fim de lidar com as demandas internas e externas, avaliadas como excedentes aos recursos do indivíduo.

Instrumentos para Avaliação do *Coping*

No que se refere às publicações sobre *coping* e *coping* ocupacional, é importante ressaltar o decréscimo de estudos, tanto internacionais quanto nacionais. Neste sentido, os estudos mais recentes sobre o tema, recuperados da literatura, datam entre os anos 2000 e 2005.

Com relação a construção de instrumentos de *coping*, a escolha pelas abordagens situacionais ou disposicionais implicam na necessidade de que os itens sejam igualmente baseados nessas abordagens. Assim, a escolha pela abordagem situacional implica na necessidade de que os itens compreendam as variações comportamentais possíveis de *coping* no contexto a ser avaliado. Já sob o ponto de vista da abordagem disposicional, os itens poderiam avaliar estilos mais gerais de *coping*, sem apresentarem uma preocupação particular sobre uma situação de estresse específica (Antoniazzi, 2000).

Na tese de doutorado de Antoniazzi (2000), encontram-se algumas recomendações para a construção de instrumentos que avaliam *coping*. Segundo a autora, inventários de auto-relato têm sido mais frequentes na avaliação de *coping*. Quando avaliam *coping* segundo abordagens disposicionais, frequentemente as instruções quando da aplicação dos instrumentos costumam solicitar aos participantes que relembrem um ou mais eventos envolvendo estresse e que avaliem em que extensão certas afirmações refletem suas respostas quando enfrentando problemas. No entanto, quando avaliam *coping* segundo abordagens situacionais, as instruções geralmente solicitam aos

indivíduos que relembrem uma situação de estresse mais recente e que baseados nessa situação, marquem como lidaram com o problema específico em questão.

Ao lado disso, citam-se também duas abordagens diferentes na condução de pesquisas que visam a construção de instrumentos que avaliam *coping*. A primeira é a abordagem dedutiva, que parte de construções teóricas acerca do construto para elaborar categorias hipotéticas relativas às possíveis respostas dos indivíduos ao lidarem com seus problemas. A segunda abordagem é chamada de indutiva e utiliza como material para a construção de categorias de mensuração de *coping* respostas que são normalmente e frequentemente emitidas pelos indivíduos frente uma situação particular de estresse. Técnicas estatísticas são aplicadas para a construção de categorias gerais que englobem as respostas de *coping* que se pretende mensurar. Seu desenvolvimento ocorre de maneira empírica, envolvendo a experiência e a intuição dos autores a respeito do construto em questão (Pasquali, 1997).

Alguns critérios de construção de instrumentos são descritos por Pasquali (1996), sendo o critério comportamental, entendendo-se que os itens devem expressar comportamentos e não abstrações dos construtos; o critério de desejabilidade, em que os itens devem representar a preferência dos respondentes; o critério de simplicidade, envolvendo o fato de que os itens devem expressar uma idéia única e sem ambiguidades; o critério de clareza, que diz respeito à inteligibilidade dos itens; o critério de relevância do item, que deve corresponder ao construto; o critério de precisão, que indica que o item deve possuir uma posição definida e distinta dos demais itens da escala. Segundo o autor,

esses critérios devem ser observados, já que possuiriam influências positivas na elaboração de instrumentos de medida e avaliação psicológica.

Ridder (1997) pontua que diversos problemas na avaliação do *coping*, como a dificuldade de definição do construto e falta de clareza, bem como dificuldades na definição de dimensões dele, podem ter resultado na confusão da literatura sobre que abordagem deve ser utilizada. Isto poderia ser inferido pelo vasto número de instrumentos criados para avaliar *coping*, cada um entendendo-o como um construto com características diferentes e por vezes, opostas. Muitos desses problemas são manifestados nas qualidades psicométricas pobres das medidas de *coping*, que seguem a falta de clareza do construto.

De acordo com a mesma autora, além da dificuldade na definição de estrutura teórica do *coping*, outra dificuldade quando da construção de medidas que avaliam o construto recai na coleta de itens válidos para representar as diferentes estratégias que os indivíduos utilizam. Pesquisadores deveriam tomar cuidados ao verificarem se os conteúdos presentes nos itens representam de fato adequadamente os comportamentos de *coping* relevantes. Como foi discutido anteriormente, é provável que cognições e comportamentos que as pessoas utilizam para o manejo de situações estressoras dependem de seu *background* pessoal, bem como do tipo de situação que elas estão confrontando. Portanto, seria aconselhável, segundo a autora, amostrar itens de diferentes populações em diferentes condições. Em muitos casos, seria ainda necessário desenvolver versões de medidas diferentes se a intenção for ligar os itens à condições específicas da situação a ser estudada. Ao lado disso, de fato, poucos pesquisadores

testaram a estrutura fatorial de suas medidas por análise fatorial confirmatória, o que também pode ser útil na construção de novos instrumentos.

A despeito de sua importância, instrumentos psicológicos que avaliam *coping* em situações específicas foram construídos apenas em âmbito internacional e, no entanto, carecem de estudos quanto às suas propriedades psicométricas (Amirkhan, 1990; Carver, Scheier, & Weintraub, 1989; Folkman, Lazarus, Dunkel-Schetter, DeLongins, & Gruen, 1986). Autores como Antoniazzi (2000) e Seidl, Tróccoli e Zannon (2001) relatam alguns instrumentos utilizados no âmbito internacional para avaliar *coping*. Alguns deles são os *Ways of Coping Questionnaire* (WCQ) (Folkman, & Lazarus, 1980), que possui tradução e estudos psicométricos brasileiros por Savóia, Santana e Mejas (1996), o *Coping Strategy Inventory* (CSI) (Gadzella, Pierce, & Young, 2008), o *Multidimensional Coping Inventory* (MCI) (Endler e Parker, 1990), o *COPE Inventory* (Carver, Scheier, e Weintraub, 1989) e o *Stress Coping Inventory* (SVF78) (Weyers, Ising, & Janke, 2005).

O *Ways of Coping Questionnaire* (WCQ), primeiramente desenvolvido por Folkman e Lazarus (1985), traduzido e adaptado no Brasil por Savóia, Santana e Mejas (1996) possui 66 itens e consiste em 8 diferentes fatores, que avaliam a extensão com que um sujeito utiliza estratégias de *coping*, denominados confronto, afastamento, autocontrole, suporte social, aceitação de responsabilidades, fuga e esquiva, resolução planejada de problemas e reavaliação positiva. Os itens apresentaram consistência interna satisfatória pelos métodos de teste e reteste e o método das metades, a análise fatorial foi altamente consistente em relação ao estudo norte-americano e os grupos estudados

mantêm uma certa homogeneidade quanto à resposta a uma determinada estratégia de *coping*.

O *Coping Stress Inventory*, desenvolvido por Gadzella, Pierce e Young (2008) possui 16 itens nas subescalas Avaliação Comportamental, Emocional e Cognitiva, sendo constituída de respostas do tipo likert de 4 pontos, em que os sujeitos deveriam indicar o quanto faziam uso da estratégia contida em cada item. O Inventário foi aplicado em 344 universitários e a consistência interna para o CSI foi 0,77 (alfa de Cronbach). O estudo de validade citado no artigo refere-se a validade de critério, tendo como critério externo o gênero e assim, os resultados encontrados pelos autores corroboraram dados da literatura. Os resultados mostraram que na dimensão comportamental, mulheres tinham pontuações maiores que os homens nos itens que referiam-se a tomar remédios ou dormir e homens possuíam maiores pontuações nessa dimensão nos itens que referiam-se a irritar-se e agredir fisicamente e beber álcool. Na dimensão emocional, as mulheres pontuaram mais e esta dimensão continha itens relativos a choro e necessidade de suporte social. Na dimensão cognitiva as mulheres pontuaram mais em todos os itens.

O *Multidimensional Coping Inventory* (MCI), desenvolvido por Endler e Parker em 1988, é uma versão anterior ao *Coping Inventory for Stressful Situations* (CISS) (Endler & Parker, 1990), que consiste em 66 itens de auto-relato que mede estilos de *coping* nas subescalas orientação por tarefa (19 itens), emoção (12 itens) e evitação (12 itens), mas inclui também outros 22 itens *buffer*. Trata-se de uma escala *likert* de cinco pontos, em que o sujeito deve indicar com que frequência usa as estratégias contidas em cada item. O instrumento demonstrou boa confiabilidade e suporte a estrutura fatorial

encontrada. A validade incremental do CISS foi demonstrada por análise de regressão múltipla que encontrou três escalas que explicavam variância significativa em distresse psicológico além do que contribuíram variáveis de personalidade e demográficas (McWilliams, Brian, & Enns, 2003).

O Stress Coping Inventory (SVF78) (Weyers, Ising, & Janke, 2005) é uma versão reduzida do instrumento SVF120, que avalia quais estratégias os indivíduos usam quando se deparam com uma situação estressora, em que os sujeitos pontuavam de 0 a 100 de acordo com o quanto consideravam utilizar a estratégia contida no item. Para se preservar a confiabilidade do SVF na versão reduzida, o número de subtestes foi reduzido. Assim, o SVF78 contém 13 subtestes que foram selecionados de acordo com suas qualidades psicométricas, denominados minimização, negação ou culpa, distração, gratificação substituta, controle da situação, controle da resposta, auto-instruções positivas, necessidade de suporte social, evitação, escape, ruminação, resignação e auto culpa. Exceto os fatores distração ($\alpha=0,77$) e controle da situação ($\alpha=0,79$), todos os outros obtiveram alfas de Cronbach acima de 0,80, sendo que quatro deles foram iguais ou maiores que 0,90.

O COPE Inventory (Carver, Scheier, e Weintraub, 1989) é composto por 154 itens, que medem reações a situações estressoras. Ele possui 11 fatores denominados *coping* ativo, planejamento, atividades supressoras ou competitivas, *coping* restritivo, busca de suporte social por razões instrumentais, por razões emocionais, reinterpretação positiva, aceitação, religiosidade, foco em emoção, negação, desengajamento emocional, desengajamento mental e desajuste com álcool e drogas. A consistência interna e

homogeneidade foram examinadas usando o alfa de Cronbach e correlações de Pearson. A escala mostrou consistência interna de 0,79 (alfa de Cronbach) e houve altas correlações entre as subescalas e pontuação total.

No Brasil, vive-se, ainda, a carência de instrumentos com propriedades psicométricas adequadas. Houve nos últimos 10 anos um decréscimo de publicações quanto a avaliação do *coping*. Os recuperados na literatura serão relatados a seguir. Savóia, Santana, e Meijas (1996) publicaram uma adaptação do Inventário de Estratégias de *Coping* de Folkman e Lazarus (1980). Gimenes e Queiroz (1997) publicaram a tradução e adaptação de uma versão da *Ways of Coping Checklist* de Vitaliano e cols. (1985), resultando na Escala Modos de Enfrentamento de Problemas. A versão adaptada por Gimenes e Queiroz (1997) da Escala Modos de Enfrentamento de Problemas (Vitaliano & cols. 1985) trata-se de uma escala com respostas do tipo *likert* de cinco pontos, composta por 57 itens e possui oito sub-escalas que expressam cognições e comportamentos para lidar com eventos estressantes, denominadas focalização no problema (15 itens), pensamento positivo (6 itens), busca de apoio social (6 itens), religiosidade (3 itens), esquiva (10 itens), pensamento fantasioso/desiderativo (8 itens), autculpa (3 itens) e culpabilização de outros (6 itens). Quanto a estrutura fatorial da escala, foram extraídos quatro fatores pelo método dos eixos principais, rotação ortogonal, denominados de estratégias de enfrentamento focalizadas no problema ($\alpha=0,84$), estratégias de enfrentamento focalizadas na emoção ($\alpha=0,81$), práticas religiosas/pensamento fantasioso ($\alpha=0,74$) e busca de suporte social ($\alpha=0,70$), explicando ao todo 26,6% da variância, considerada baixa.

Antoniazzi (2000) também desenvolveu um instrumento para avaliação de *coping* no Brasil, chamado de IMCA-43. No entanto, a literatura indica a presença de fraquezas metodológicas como, por exemplo, medidas inadequadas do ponto de vista psicométrico, estruturas fatoriais pouco investigadas e ausência de validação de instrumentos para populações específicas (Balbinotti, Barbosa & Wiethaeuper, 2006).

No que se refere à avaliação psicológica do *coping* ocupacional, os instrumentos encontrados na literatura que avaliavam o construto foram construídos fora do Brasil, sendo que não foram encontradas escalas construídas no Brasil, poucas foram traduzidas para o português e ainda menos escalas adaptadas para o âmbito nacional (Pinheiro, Tróccoli, & Tamayo, 2003). Esses autores traduziram e adaptaram para a língua portuguesa uma Escala de *Coping* Ocupacional, primeiramente desenvolvida por Latack (1986), e investigaram suas características psicométricas por meio de análise fatorial e por suas relações com medidas de suporte social, sobrecarga de trabalho e exaustão emocional. Participaram dessa pesquisa 397 trabalhadores em ambiente de escritório, que responderam à escala traduzida e a medidas de suporte social, sobrecarga e exaustão emocional durante o expediente de trabalho. A análise fatorial mostrou a existência de três fatores que explicaram 29,6% da variância total, denominados controle, esquiva e manejo de sintomas, com alfas de *Cronbach* variando entre 0,77 e 0,81. No entanto, os autores consideram as limitações de um estudo transversal e pontuam que outros estudos ainda deveriam ser feitos para se avaliar a estabilidade fatorial da escala em versão brasileira, além de sugerir a aplicação da escala a outras amostras de ocupações diversas.

Uma particularidade das pesquisas de desenvolvimento de instrumentos que visam mensurar respostas de *coping* atualmente recaem sobre o fato de que as amostras dessas pesquisas são frequentemente reduzidas, dificultando estudos sobre as qualidades psicométricas desses instrumentos. Além de se evidenciar a falta de qualidades psicométricas adequadas dos instrumentos atuais, existe a falta de iniciativas de construção de instrumentos avaliando *coping* ocupacional no Brasil e um decréscimo de publicações nessa área (Rodrigues, 2007), portanto, propõe-se neste projeto a construção da Escala de *Coping* Ocupacional, compreendendo-se *coping* segundo a abordagem transacional.

Método

Estudo 1 – Construção dos Itens

Objetivo

O Estudo 1 teve como objetivos a construção dos itens que comporam a Escala de *Coping* Ocupacional e a avaliação da clareza dos itens e das instruções contidas nas escala.

Etapa 1

Os itens da *Escala de Coping Ocupacional* (ESCO) foram construídos com base na literatura e em diversos instrumentos internacionais, tais como a Escala de *Coping* para o ambiente ocupacional, desenvolvida por J. Latack (1986) e adaptada por Pinheiro, Tróccoli e Tamayo (2003); O *Ways of Coping – WOC*, versão atualizada da *Ways of Coping Checklist* por Folkman, Lazarus, Dunkel-Schetter, DeLongins e Gruen (1986), traduzido e adaptado no Brasil por Savóia, Santana e Mejas (1996); a *Coping Strategy Indicator – CSI*, de Amirkhan (1990); O *COPE Inventory*, desenvolvido por Carver, Scheier e Weintraub (1989) e o *Stress Coping Inventory – SVF78*, desenvolvido por Weyers, Ising e Janke (2005).

Sendo assim, após a construção de itens realizada com base na literatura, apenas as ideias contidas nos itens dos instrumentos internacionais comentados no parágrafo anterior e que não foram contempladas quando da construção apenas com base na

literatura foram adaptadas para padronização do tipo de pergunta para uma escala *Likert* de quatro pontos, que foi adotada na Escala, além da padronização do tempo verbal das afirmações.

Antoniazzi (2000) relatou que as instruções, quando da aplicação dos instrumentos que compreendem *coping* na abordagem disposicional, costumam solicitar aos participantes que relembrem um ou mais eventos envolvendo estresse e que avaliem em que extensão certas afirmações refletem suas respostas quando estão enfrentando problemas. No entanto, quando avaliam *coping* segundo abordagens transacionais, as instruções geralmente solicitam aos indivíduos que relembrem uma situação de estresse mais recente e que baseados nessa situação, marquem como lidaram com o problema específico em questão. Considerando, então, essa diferença entre as duas abordagens (disposicional e transacional), residindo nas instruções na aplicação da escala, pensou-se em deixar as instruções dessa escala, ao menos neste primeiro estudo, de acordo com a abordagem transacional, foco inicial da construção da ESCO.

Etapa 2

Objetivo

Esta etapa teve como objetivo avaliar a clareza dos itens, bem como das instruções da escala.

Participantes

Foram participantes desta etapa 52 universitários, de 18 a 39 anos de idade (M=24,12; DP=5,20 anos), trabalhadores com atividade profissional remunerada e com vínculo empregatício, de ambos os sexos, sendo 29 do sexo feminino (55,77%), matriculados nos cursos de Psicologia e Engenharia de uma Universidade localizada no Interior do estado de São Paulo.

Instrumentos

- Escala de *Coping* Ocupacional (ESCO)

O conjunto de itens foi respondido de forma a indicar as estratégias de enfrentamento que o sujeito identificava utilizar no ambiente ocupacional, de acordo com aquelas descritas nos itens. Nesta etapa, a Escala contou com 77 itens e conteve uma questão aberta com o objetivo de buscar informações sobre estratégias de enfrentamento utilizadas pelos participantes no ambiente ocupacional que não constassem nos itens já descritos, bem como houve um espaço para possíveis dúvidas sobre as instruções da escala ou sobre os itens.

Aos participantes, era pedido que se lembrassem de um problema que os incomodava no trabalho e que assinalassem na opção que mais se aproximava da forma como eles reagiram ao problema. Ao lado disso, era pedido que os participantes identificassem na escala possíveis itens confusos ou dúbios, bem como se as instruções estavam claras. A Escala era do tipo *Likert* e possuía quatro pontos, à saber, “Não fiz”, “Fiz pouco”, “Fiz moderadamente” e “Fiz muito”.

Procedimentos

Após a aprovação deste projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa, bem como a autorização das Instituições de Ensino Superior (IES), buscou-se o consentimento dos universitários que participaram da pesquisa mediante Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Formato 1) (Anexo I). Neste Termo, constaram todas as informações pertinentes à pesquisa em questão, sendo impresso em duas vias, ficando uma com o sujeito e outra com o pesquisador.

Tal aplicação ocorreu de forma coletiva, em que os participantes foram solicitados a anotarem possíveis dúvidas ou sugestões pertinentes ao entendimento dos itens e das instruções, visando adequar a linguagem do instrumento à população a que se destina e identificar problemas com relação a clareza dos itens e das instruções. O tempo de duração da aplicação foi de 30 minutos.

Resultados e Discussão

Este primeiro estudo teve como objetivos a construção dos itens da ESCO (na primeira etapa) e avaliar a clareza dos itens, bem como das instruções da escala (na segunda etapa). Dessa forma, como foi relatado anteriormente, os itens foram construídos com base na literatura e em idéias contidas em itens de outras escalas; e a clareza dos itens e das instruções foi avaliada na segunda etapa.

A avaliação de *coping* implica na escolha por uma abordagem, ou compreendendo-se que as reações comportamentais são específicas a determinados eventos (abordagem transacional), ou compreendendo-se que embora algumas reações sejam diferentes conforme o estímulo, existe um certo padrão de resposta do indivíduo frente aos estímulos que pode se manter relativamente constante (abordagem disposicional).

No primeiro estudo, utilizou-se a abordagem transacional para definir o modo como os sujeitos responderiam à escala. Assim, eles deveriam lembrar-se de uma situação específica do trabalho e responder a escala de acordo com essa situação. Ao analisar os dados coletados, optou-se por modificar a forma de responder à escala. Assim, a instrução do instrumento foi modificada, pedindo-se ao sujeito que lembrasse de como, geralmente, reage a problemas que ocorrem no ambiente de trabalho e assinalasse com um X a opção que mais se aproximasse dessa reação. Tais modificações serão discutidas e justificadas nessa seção.

O tempo verbal das afirmações dos itens também foi modificado, para atender à nova proposta de resposta (teoria disposicional). Assim, todos eles passaram do passado para o presente. Ao lado disso, pelo mesmo motivo, as respostas *Likert* foram modificadas para “Nunca”, “Raramente”, “As vezes” e “Sempre”.

Conforme relatado nos parágrafos acima, a respeito dos resultados da segunda etapa do primeiro estudo, utilizou-se a abordagem transacional para definir o modo como os sujeitos responderiam à escala ESCO. Assim, era requisitado aos sujeitos que lembrassem de uma situação específica do trabalho e respondessem a escala de acordo

com essa situação. No entanto, ao analisar os dados coletados, optou-se por modificar a forma de responder à escala ESCO no Estudo 2. Assim, as instruções do instrumento foram modificadas, pedindo-se ao sujeito que se lembre de como, geralmente, reage a problemas que ocorrem no ambiente de trabalho e assinalasse com um X a opção que mais se aproxime dessa reação.

Esta mudança ocorreu devido a vários fatores. Primeiramente, ao longo da aplicação, embora nenhum participante tenha descrito essa dificuldade formalmente, muitos deles relatavam à aplicadora que não se lembravam de nenhuma situação estressora específica no trabalho, ou que ignoraram a instrução e responderam à escala pensando em diversas situações, e não em uma situação específica.

Ao lado disso, ao pensar em usos futuros do instrumento, entendeu-se que um instrumento que levasse em conta estilos de *coping*, segundo a abordagem disposicional, teria maior aplicabilidade num ambiente ocupacional, devido ao fato de que ele pode possibilitar maior predição de comportamentos futuros, já que segundo esta perspectiva as pessoas possuem um conjunto de estratégias de *coping* que se mantêm relativamente fixas através do tempo e situações, mais próximas do traço (Pais Ribeiro & Rodrigues, 2009).

Os dados coletados foram analisados, sendo que as frases que não foram compreendidas ou foram percebidas pelos sujeitos como dúbias ou complexas, foram alteradas e/ou excluídas, caso houvesse outras semelhantes. Ao lado disso, tais dados também foram analisados frente à possibilidade de trazerem novos itens para a escala.

Os itens 6, 18 e 32 versavam sobre estratégias utilizadas no ambiente ocupacional com relação a subordinados. Um total de 39 universitários (75%) relatou não possuir subordinados e por isso, não respondeu ao item. Assim, optou-se pela exclusão desses itens, já que a escala também continha itens relacionados à colegas de trabalho, entendendo-se que de alguma forma, subordinados poderiam estar contemplados nesses itens.

Os itens 3, 9, 11, 12, 13, 71 e 75 foram modificados, para que ficassem mais claros ao leitor. Dessa maneira, o item 3 (Pensou nas consequências de cada alternativa para resolver o problema), que foi entendido como confuso por 22 participantes (42,31%) foi modificado para “Pensa nas consequências de cada solução possível para resolver os problemas”; os itens 9, 71 e 75 versavam sobre estratégias de enfrentamento ocupacionais com relação à familiares, mas estavam descritos todos na forma singular (um familiar), sendo que foram modificados para “familiares”; o item 11 dizia respeito à estratégia que envolvia “um líder religioso”, que também foi modificado para o plural, ou seja, “líderes religiosos”.

O item 12 (Recusou-se a acreditar que aquilo estava acontecendo), foi modificado para “Recusa-se a acreditar que os problemas estão acontecendo”, para atender ao novo modo de resposta da escala (teoria disposicional). O item 13 (Concentrou-se em algo bom que pudesse resultar do problema) foi modificado para “Imagina que poderia ser reconhecido pela empresa, por resolver problemas difíceis”, por ter sido relatado como confuso por 15 participantes (28,85%).

Os itens 18, 23, 31, 55 e 1; 14, 26 e 61; 68, 36 e 60; 71, 9 e 75 foram relatados serem muito parecidos entre si por 36 participantes (69,23%). Dentre esses participantes, 14 (29,92%) relataram que os itens eram iguais, não percebendo a diferença entre eles. Assim, optou-se por deixá-los um seguido do outro, tentando tornar a diferença entre eles mais evidente.

Estudo 2 – Evidências de Validade e Precisão

Objetivo

O objetivo desta fase foi buscar evidências de validade relativas a estrutura interna dos itens para Escala, por meio da análise fatorial. Ao lado disso, buscou-se também avaliar os coeficientes de fidedignidade do tipo consistência interna (alfa de Cronbach) da escala e seus fatores.

Participantes

Tabachnick e Fidell (2007) citam estudos empíricos que mostram que o tamanho da amostra confiável para a realização de uma análise fatorial é de 300 sujeitos. Assim, foram participantes desta etapa 335 universitários (que não os mesmos do primeiro estudo), com idades entre 18 e 56 anos ($M=24,02$; $DP=6,04$), trabalhadores com atividade profissional remunerada e com vínculo empregatício, de ambos os sexos, sendo a maioria do sexo feminino (52,5%), estudantes de 3 Instituições de Ensino Superior (IES) localizadas no interior do Estado de São Paulo, matriculados nos cursos psicologia (40,6%), engenharia civil (20,9%), engenharia mecânica (9,6%) e administração (18,9%).

As ocupações dos participantes foram categorizadas seguindo os códigos da Classificação Brasileira de Ocupações (CBO, 2002). Os agrupamentos foram os seguintes: 172 (51,3%) participantes pertenciam ao Grande Grupo 4 (Setor Administrativo), 51 (15,2%) relataram pertencer ao Grande Grupo 3 (Nível técnico), 18 (5,4%) Grande Grupo 2 (Nível Superior – quando possuíam formação anterior), 15

(4,5%) relataram pertencer ao Grande Grupo 9 (Manutenção de bens e Equipamentos, 10 (3%) ao Grande Grupo 5 (Prestação de Serviços) e 5 (1,5%) relataram pertencer ao Grande Grupo 1 (Orgãos Governamentais); 58 (17,3%) relataram ser estagiários, mas não há na CBO uma classificação específica para estágios; seis participantes não relataram a ocupação.

Instrumentos

- Escala de *Coping* Ocupacional (ESCO)

A escala possui 74 itens, que contém descrições de comportamentos versando sobre reações à problemas experienciados no trabalho. Quanto às instruções, é pedido ao sujeito que se lembre de como, geralmente, reage a problemas que ocorrem no ambiente de trabalho e assinale com um x a opção que mais se aproxime dessa reação. É uma escala *Likert* de 4 pontos, à saber, “Nunca”, “Raramente”, “As vezes” e “Sempre”. Para caracterizar a amostra, foi montado um cabeçalho para a coleta de informações como idade, sexo e ocupação.

Procedimentos

Após a autorização das Instituições de Ensino Superior (IES) e dos professores responsáveis pelas salas de aula, os instrumentos foram aplicados coletivamente após assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE – Formato 2) (Anexo II). O tempo de duração da aplicação da Escala foi de 30 minutos.

A coleta ocorreu num período de 9 meses, dividida em 43 aplicações.

Resultados

Para a análise fatorial, o critério para retenção de itens foi saturação mínima de 0,35, sendo que a possibilidade de extração dos fatores foi feita pelo KMO e teste de esfericidade de Bartlett. A extração dos fatores foi realizada por meio do modelo de Análise dos Eixos Principais, que está relacionado com a explicação da estrutura de covariância por meio de combinações lineares dos itens originais, com rotação Varimax. Também foi realizada uma correlação entre os fatores e o número de fatores foi avaliado pelo *scree plot*, tendo-se como referência *eigenvalues* superiores a um.

O KMO foi de 0,77 com nível de significância de 0,000 e Bartlett $\chi^2=4295,2$. Nessa análise foram retirados 14 fatores, explicando 59,9% da variância total e o Scree-Plot sugeriu quatro fatores determinantes, convergidos em 41 interações. Em seguida, foram retirados os itens que se encontravam em mais de um fator, excluídos aqueles que possuíam conteúdos semelhantes por meio de análise semântica e excluídos também os itens com cargas fatoriais abaixo de 0,30.

O KMO encontrado na segunda análise foi de 0,75, apresentando assim adequação razoável dos dados à análise fatorial, e o teste de esfericidade de Bartlett foi significativo ao nível de 0,000, apresentando $\chi^2=2337,9$ (df=276), demonstrando que as correlações parciais foram satisfatórias para dar prosseguimento ao modelo de análise fatorial. Pereira (1999), quando se referiu aos valores do KMO destacou que valores

acima de 0,90 indicam ótima adequação dos dados para execução da análise fatorial, seguido de boa adequação dos dados ($0,89 > KMO > 0,80$), adequação razoável dos dados ($0,79 > KMO > 0,70$), adequação medíocre dos dados ($0,69 > KMO > 0,60$) e adequação imprópria dos dados ($KMO < 0,50$). A Tabela 1 apresenta a variância explicada pelas quatro dimensões encontradas a análise da ESCO, contendo 24 itens, explicando 46,10% da variância total.

Tabela 1

Eigenvalues e Variância explicada

Fatores	<i>Eigenvalues</i>	Variância(%)	Variância Acumulada(%)
Fator 1	4,104	17,099	17,099
Fator 2	3,267	13,613	30,712
Fator 3	2,093	8,719	39,431
Fator 4	1,601	6,670	46,101

O Fator 1 (Planejamento) ficou constituído de itens que estão relacionados a estratégias de *coping* mais ativas em relação ao problema, no sentido de que ao pontuar mais nesse fator, os sujeitos indicam maior planejamento das soluções para os problemas no trabalho, pensando nas consequências, elaborando um plano de ação para resolvê-los, etc. O fator 2 (Interação Social) aglutinou os itens referentes a busca por interações sociais que possam trazer ideias sobre possíveis soluções para os problemas no trabalho, apenas por meio do diálogo. No fator 3 (Emoções Negativas) agruparam-se os itens referentes a reações comportamentais e emocionais negativas frente aos problemas no trabalho, como irritar-se consigo e com outrem, ficar agressivo, culpar-se, culpar outrem,

tomar atitudes impulsivas, etc. Por último, no fator 4 (Evitação) aglomeraram-se os itens sobre comportamentos evitativos em relação aos problemas no trabalho.

O Scree-Plot é apresentado na Figura 1 e indicou a preleção de quatro fatores predominantes para a escala.

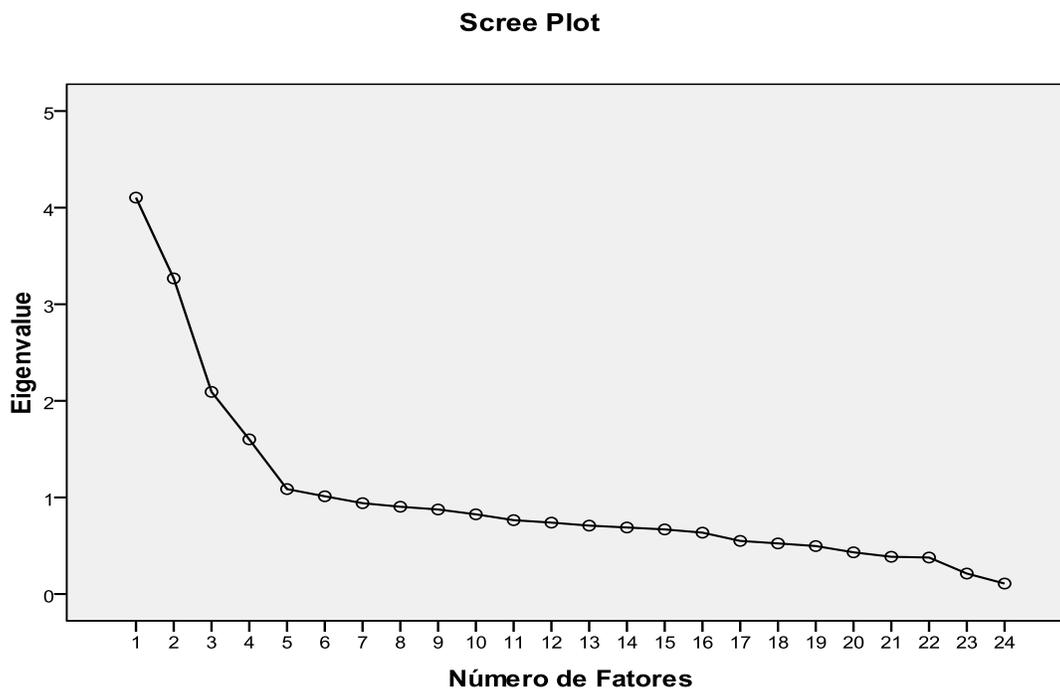


Figura 1. Gráfico de Sedimentação dos *Eigenvalues*

Os fatores encontrados receberam as seguintes denominações e composições: Fator 1 (Planejamento), composto por 10 itens; Fator 2 (Interação Social), composto por 4 itens; Fator 3 (Emoções Negativas), composto por 7 itens e Fator 4 (Evitação), composto por 3 itens. Na Tabela 2 são apresentadas as cargas fatoriais do modelo final da ESCO convergida em 12 interações.

Tabela 2

Cargas Fatoriais dos Componentes Rotados (Varimax) extraídos de Fatores do Eixo Principal e Comunalidades da ESCO.

	1	2	3	4	h ²
14	0,64				0,40
22	0,62				0,38
50	0,61				0,39
21	0,58				0,37
38	0,52				0,34
40	0,50				0,28
13	0,48				0,26
16	0,46				0,24
60	0,45				0,23
66	0,39				0,20
70		0,83			0,80
71		0,82			0,79
63		0,68			0,62
64		0,67			0,62
23			0,62		0,31
48			0,58		0,32
29			0,52		0,31
26			0,52		0,25
31			0,50		0,30
52			0,40		0,20
74			0,40		0,27
51				0,71	0,38
65				0,64	0,39
46				0,42	0,17
<i>Eigenvalues</i>	4,1	3,3	2,1	1,6	
Variância Explicada	17,1	13,6	8,7	6,7	
Total de Variância Explicada			46,1		

Método de Extração: fatoração do Eixo Principal. Método de Rotação: Varimax com normalização Kaiser

De acordo com Pasquali (1999), o valor 0,30 para as cargas fatoriais refere-se ao parâmetro concebido como mínimo aceitável. Conforme apresentado na Tabela 2, as cargas fatoriais da ESCO estão iguais ou acima de 0,35. Assim, esses dados demonstraram que os itens estão acima desses parâmetros. A Tabela 3 representa as correlações entre os fatores da ESCO.

Tabela 3

Correlações entre os fatores da ESCO

Fatores	1	2	3	4
1	1	0,14	-0,23**	0,02
2	0,14*	1	0,11	0,22**
3	-0,23**	0,11	1	0,16**
4	0,25	0,22**	0,16**	1

p < 0,05

p < 0,01

As correlações entre os fatores, apresentadas na Tabela 3, podem ser classificadas como sendo fracas (Dancey e Reidy, 2006). No que se refere a confiabilidade da ESCO, o fator 1 (Planejamento), composto por 10 itens, apresentou Alfa de Cronbach ($\alpha=0,79$); o fator 2 (Interação Social), composto por quatro itens ($\alpha=0,84$); o fator 3 (Emoções Negativas), composto por sete itens ($\alpha=0,72$); o fator 4 (Evitação), composto por três itens ($\alpha=0,62$). No entanto, o alfa deste último fator, se corrigido pela profecia de Spearman-Brown, seria de $\alpha=0,93$. A ESCO ficou composta por 24 itens com confiabilidade satisfatória ($\alpha=0,70$), já que de acordo com Pasquali (1999), os

coeficientes de precisão são considerados adequados para um teste quando estão acima de 0,70.

A respeito dos índices de precisão mínimos aceitáveis pelo CFP, o SATEPSI (2004), por meio de seus critérios de avaliação da qualidade dos testes psicológicos, estabelece que o mínimo aceitável é de 0,60, estando o alfa obtido pela ESCO categorizado no Nível B (suficiente). Acima desse valor, categoriza-se o índice no Nível A (excelente e bom) e abaixo de 0,60 não é possível afirmar haver evidência de confiabilidade satisfatória, o índice sendo assim categorizado no Nível C (insuficiente).

Discussão

A avaliação psicológica pode ser definida como a busca sistemática de conhecimento a respeito do funcionamento psicológico em situações específicas, que possa ser útil para orientar ações e decisões futuras. Dessa forma, a avaliação psicológica se refere a um processo de busca de dados, agrupando diferentes informações com três objetivos principais: conhecer os sujeitos, identificar o problema e programar intervenções (Primi, 2005). Apesar da necessidade do desenvolvimento de instrumentos validados para a avaliação de *coping* ocupacional, no Brasil não se observam iniciativas em construir instrumentos relacionados ao *coping* nesse contexto. A busca na literatura trouxe poucos estudos sobre apenas um instrumento que avalia o construto no Brasil e, no entanto, trata-se de um instrumento que foi adaptado para este contexto em 2003

(Pinheiro, Tróccoli e Tamayo, 2003). Desse modo, foi possível observar um decréscimo de publicações brasileiras referentes ao *coping* ocupacional.

Noronha, Freitas e Ottati (2002) relataram que a construção de um instrumento psicológico é um processo que demanda tempo além de não ser um procedimento simples, uma vez que se devem cumprir várias etapas para a consecução desse objetivo. As autoras discorrem também sobre dificuldades inerentes ao processo de construção, mas salientam aos pesquisadores que persistam na realização de estudos de construção de novos instrumentos, disponibilizando à comunidade científica melhores instrumentos, que oferecem dados confiáveis e podem desempenhar um papel importante no processo de avaliação psicológica.

De acordo com Primi (2005), a eficácia do instrumental utilizado no processo de avaliação psicológica está diretamente ligada à quantidade e qualidade de informações, oriundas de pesquisa científicas acumuladas, relacionadas à interpretação dos resultados destes instrumentos. Dentre os processos necessários para a credibilidade de um instrumento, estão a busca por evidências de validade e precisão.

O objetivo deste estudo foi a construção de uma escala de avaliação do *coping* ocupacional, trazendo estudos psicométricos preliminares desta escala e buscando, assim, evidências preliminares de validade de construto da mesma. Ao lado disso, buscou-se também avaliar os coeficientes de fidedignidade do tipo consistência interna (alfa de Cronbach) da escala e seus fatores. No entanto, é importante ressaltar que futuros estudos, que buscarão outras evidências de validade, bem como de precisão, deverão ser

realizados para que o processo de psicometria seja finalizado. Assim, dentre os futuros estudos, uma nova aplicação da escala deve ser realizada, a fim de verificar se as estruturas fatoriais se mantêm estáveis, além da busca pela padronização dos escores na população brasileira, levando-se em consideração variáveis sociodemográficas, tais como sexo, idade, nível de escolaridade, ocupação, dentre outras.

Como já explicitado anteriormente, no que se refere à avaliação psicológica do *coping* ocupacional, os instrumentos encontrados na literatura que avaliavam o construto foram construídos fora do Brasil, sendo que não foram encontradas escalas construídas no Brasil, poucas foram traduzidas para o português e ainda menos escalas adaptadas para o âmbito nacional (Pinheiro, Tróccoli, & Tamayo, 2003). Esses autores traduziram e adaptaram para a língua portuguesa uma Escala de *Coping* Ocupacional, primeiramente desenvolvida por Latack (1986), e investigaram suas características psicométricas por meio de análise fatorial e por suas relações com medidas de suporte social, sobrecarga de trabalho e exaustão emocional. Participaram dessa pesquisa 397 trabalhadores em ambiente de escritório, que responderam à escala traduzida e a medidas de suporte social, sobrecarga e exaustão emocional durante o expediente de trabalho. No que se refere a análise fatorial, ela mostrou a existência de três fatores que explicaram 29,6% da variância total, denominados controle, esquiva e manejo de sintomas, com alfas de *Cronbach* variando entre 0,77 e 0,81.

O presente estudo, na análise fatorial da ESCO, encontrou uma solução de quatro fatores que explicaram 46,1% da variância total, sendo denominados como

Planejamento, Interações Sociais, Emoções Negativas e Evitação, com alfas de Cronbach iguais a 0,79, 0,84, 0,72 e 0,62 (que, corrigido pela profecia de Spearman-Brown, seria de 0,93), respectivamente. Observa-se, dessa forma, que apesar da necessidade de estudos futuros utilizando a ESCO, os resultados iniciais obtidos pela análise fatorial e os índices de confiabilidade da ESCO demonstraram-se bastante satisfatórios para os parâmetros convencionados, além de se mostrarem com maior variância total e cargas fatoriais mínimas em relação a Escala de *Coping* Ocupacional, criada por J. Latack e adaptada por Pinheiro, Tróccoli e Tamayo (2003).

Quanto aos fatores da ESCO, quando comparados aos fatores da ECO, pode-se observar uma semelhança entre os conteúdos avaliados dos fatores 1 (Planejamento) e 4 (Evitação) da ESCO e os fatores Controle e Evitação da ECO (Pinheiro, Tróccoli e Tamayo, 2003), respectivamente. Observa-se, portanto, que a organização fatorial vai ao encontro dos achados teóricos desse outro instrumento de *coping* ocupacional, indicando a possibilidade de medirem, de fato, o mesmo construto.

O *Ways of Coping Questionnaire*, primeiramente desenvolvido por Folkman e Lazarus (1980), traduzido e adaptado no Brasil por Savóia, Santana e Mejias (1996) possui 66 itens e consiste em 8 diferentes fatores, que avaliam a extensão com que um sujeito utiliza estratégias de *coping*. Dentre eles, os denominados resolução planejada de problemas, suporte social, autocontrole e fuga e esquiva. Esses fatores contêm itens com conteúdos semelhantes aos encontrados na ESCO, respectivamente nos fatores denominados “Planejamento”, “Interações Sociais”, “Emoções Negativas” e “Evitação”.

Vale ressaltar que o WOC é um instrumento que avalia o *coping* em contextos variados, e não no contexto específico do trabalho. Ainda assim, essas semelhanças indicam o quanto os fatores encontrados na ESCO assemelham-se a outros fatores de instrumentos que avaliam o construto *coping*. Também, o *Coping Inventory for Stressful Situations* (CISS) (Endler & Parker, 1990) mede estilos de *coping* nas subescalas orientação por tarefa (19 itens), emoção (12 itens) e evitação (12 itens). Os últimos dois fatores possuem itens com conteúdos semelhantes aos fatores “Emoções Negativas” e “Evitação” da ESCO, respectivamente.

O *Stress Coping Inventory* (SVF78) (Weyers, Ising, & Janke, 2005) contém, dentre os seus 13 subtestes, os denominados “necessidade de controle da situação”, “suporte social”, “negação ou culpa” e “evitação e escape”. Tais fatores também possuem itens com conteúdos semelhantes aos dos fatores encontrados na ESCO, respectivamente, “Planejamento”, “Interações Sociais”, “Emoções Negativas” e “Evitação”.

O *COPE Inventory* (Carver, Scheier, e Weintraub, 1989) possui, dentre seus 11 fatores, os denominados planejamento, busca de suporte social por razões instrumentais, foco em emoção, negação, desengajamento emocional e desengajamento mental. Novamente, os fatores do COPE Inventory avaliam conteúdos semelhantes aos da ESCO se assemelhando aos encontrados nesta escala.

Discorrendo ainda sobre a estrutura fatorial encontrada pela análise fatorial realizada neste estudo, a ESCO contou com quatro fatores. O primeiro fator, denominado

“Planejamento” foi constituído de 10 itens e apresentou alfa de Cronbach de 0,79. Este fator engloba itens que avaliam se o sujeito planeja cursos de ação para resolver com os problemas no trabalho, se ele analisa possíveis consequências das várias soluções possíveis. Dessa forma, o fator compreende itens que descrevem ações mais ativas em relação aos problemas, que se aproximam mais do problema com objetivo de encontrar maneiras de resolvê-lo. No que se refere ao que é considerado saudável para o indivíduo, Pinheiro, Tróccoli e Tamayo (2003) relataram em seu estudo que o “controle” associou-se de forma negativa aos escores de ansiedade. Amirkhan (1990), em sua amostra de 357 sujeitos de diferentes ocupações, também relatou a associação negativa entre os escores de depressão e controle, avaliado por subescalas da CSI – *Coping Strategy Indicator*. Estes resultados evidenciam que indivíduos que adotam estratégias de controle estão menos propensos a relatar ansiedade relacionada ao trabalho, bem como depressão, porque provavelmente gastam seu tempo e energia focando e tentando resolver especificamente os problemas organizacionais.

O segundo fator, denominado “Interações Sociais”, foi constituído de 4 itens e apresentou alfa de Cronbach de 0,84, mesmo possuindo um número menor de itens. Este fator contém itens relativos à busca por interações sociais com vistas a encontrar soluções para os problemas, seja por meio de conversas com familiares ou com colegas. Gardner e cols. (2005) relatam que suporte social ameniza efeitos de estresse, sendo que desse modo, buscar apoio social pode ser uma boa estratégia para lidar com o estresse no trabalho. O *Ways of Coping Questionnaire* (WOC) também possui um fator denominado

suporte social, que foi altamente e positivamente relacionado com a saúde mental (Savóia, Santana e Mejas, 1996).

O terceiro fator, denominado “Emoções Negativas”, contém 7 itens e apresentou alfa de Cronbach de 0,72. Este fator compreende itens relativos a reações negativas, do ponto de vista emocional, frente a problemas no trabalho, como irritar-se, culpar-se, culpar-outrem, ficar impulsivo e esconder dos outros que há um problema. A permanência deste fator é justificada e vai ao encontro do exposto na literatura. Para Lazarus e Folkman (1984), o *coping* pode ser compreendido a partir de dois tipos de estratégias: focalizadas no problema e centradas na emoção. As últimas referem-se aos processos cognitivos responsáveis pela tentativa de diminuição do transtorno emocional gerado por uma situação estressante, o que não necessariamente ocorre. Essas estratégias incluem, numa perspectiva de expressão emocional, a esquiva, a culpabilidade, o escape, o distanciamento, a atenção seletiva, e a extração de aspectos positivos de acontecimentos negativos. Assim, indivíduos que tendem a utilizar estratégias centradas na emoção, podem tender também a avaliar os problemas de forma negativa e dessa forma, reagir também de formas negativas, irritando-se, culpando-se, etc.

Por último, o quarto fator, denominado “Evitação” é formado por 3 itens e apresentou alfa de Cronbach de 0,62, que corrigido pela profecia de Spearman-Brown seria de 0,93. Este fator, diferentemente do primeiro fator, é constituído de itens que evidenciam distanciamento do problema, evitação quanto à ele. É importante ressaltar que isto não significa que este funcionamento, de evitação, é necessariamente prejudicial

ou insalutar ao sujeito, já que a estratégia por si não deve ser classificada como boa ou ruim, entendendo isso como a função de *coping* (Dewa, 2007). Um exemplo disto é que o indivíduo pode estar se distanciando e evitando o problema para desestressar e poder pensar, posteriormente, com mais calma em formas de resolvê-lo. Da mesma forma, o indivíduo pode evitar o problema porque não consegue lidar com ele, do ponto de vista emocional, e por isso, busca se preservar. Considerando as restrições impostas pelo ambiente ocupacional, comportamentos de evitação podem, portanto, serem uma estratégia adaptativa disponível em um contexto altamente estressante (Dewa, 2007).

Porém, conforme relatado por Pinheiro, Tróccoli e Tamayo (2003), quando avaliado o fator esquiva da ECO (com itens semelhantes ao fator “evitação”, da ESCO), esquiva demonstrou relação positiva com ansiedade. Quanto à relação entre esquiva e depressão, foram encontradas correlações positivas entre essas variáveis (Amirkhan, 1990). Assim, indivíduos que utilizam preferencialmente estratégias de esquiva podem estar mais propensos a relatar queixas indicando psicopatologias (Latack, 1986).

A respeito dos índices de confiabilidade (ou fidedignidade), Urbina (2007) refere-se a fidedignidade como o procedimento que permite constatar certo grau de confiança entre os instrumentos de medidas quando da aplicação desses em uma amostra ou população. Segundo Prieto e Muniz (2000), nas análises de confiabilidade por meio de consistência interna, os coeficientes são considerados adequados quando se apresentarem entre 0,70 e 0,79. Acima desses, são considerados bons (entre 0,80 e 0,84) e a partir de 0,85, podem ser considerados como excelentes. No que se refere aos parâmetros de

fidedignidade, todos os fatores da ESCO, bem como a escala como um todo, apresentaram índices acima de 0,70, exceto o último fator, cujo índice indica-se satisfatório quando corrigido pela profecia de Spearman-Brown.

Para os estudos futuros, sugere-se a execução de novas pesquisas utilizando amostras maiores que a utilizada por este estudo, bem como com amostras diferenciadas no que diz respeito ao campo de atuação, como trabalhadores administrativos, de tecnologia, das engenharias, da saúde, industriais, de campos sociais, da educação, etc. Também é importante incluir nos estudos a coleta de demais variáveis associadas ao *coping* ocupacional, como exaustão emocional, *burnout*, suporte social e percepção de suporte organizacional, ou que permitem verificar se há diferenças de estilos de *coping* no ambiente ocupacional entre grupos (sexo, idade, escolaridade, horas trabalhadas por dia e tempo de atuação na empresa).

Por fim, consideram-se os objetivos da presente pesquisa como tendo sido alcançados. Essa dissertação, como explicitado no título, trata-se da execução de estudos psicométricos preliminares da ESCO. Neste sentido, ela traz contribuições importantes para a área da avaliação psicológica, no âmbito da construção de novos instrumentos, e evidencia a necessidade de pesquisas que continuem o desenvolvimento da escala. Vale ressaltar que estudo configura-se inovador, já que propõe a construção de um instrumento avaliando *coping* ocupacional, sendo o único construído no Brasil, de acordo com a literatura recuperada.

Referências

Amirkhan, J. H. (1990). A factor analytically derived measure of *coping*: the *coping* strategy indicator. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59, 1066-1075.

Antoniuzzi, A. S. (2000). Desenvolvimento de Instrumentos para a Avaliação de *Coping* em Adolescentes Brasileiros. [Tese de Doutorado, não-publicada], Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia, Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento. Porto Alegre.

Balbinotti, M. A. A., Barbosa, M. L. L., & Wiethauper, D. (2006). Consistência interna e fatorial do Inventário Multifatorial de *Coping* para Adolescentes. *PsicoUSF*, 11(2), 175-183.

Band, E. B., & Weisz, J. R. (1988). How to feel better when it feels bad: children's perspectives on *coping* with everyday stress. *Developmental Psychology*, 24, 247-253.

Bond, M. H. (1986). Mutual Stereotypes and the facilitation of interaction across cultural lines. *International Journal of Intercultural Relations*, 10(3), 259-276

Briner, R. B., Harris, C., & Daniels, K. (2004). How do work stress and *coping* work? Toward a fundamental theoretical reappraisal. *British Journal of Guidance and Counseling*, 23(2), 223-234.

Bussey, K., & Bandura, A. (1999). Social cognitive theory of gender development and differentiation. *Psychological Review*, 106, 676-713.

Carver, C. S., Scheier, M. F., & Weintraub, J. K. (1989). Assessing *coping* strategies: a theoretically based approach. *Journal of Personality and Social Psychology*, 45, 267-283.

Carver, C. S., & Scheier, M. F. (1994). Situational *Coping* and *Coping* dispositions in a stressful transaction. *Journal of Personality and Social Psychology*, 66, 184-195.

Câmara, S. G., & Carlotto, M. S. (2007). *Coping* e gênero em adolescents. *Psicologia em Estudo*, 12(1), 87-93.

CBO (2002). Classificação Brasileira de Ocupações. Ministério do Trabalho e Emprego. [On-line]. Disponível: <http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/home.jsf>. Acesso: 19/16/2010

Cohen, F. (1987) Measurement of *coping*. In S.V. Kasl and C.L. Cooper (Eds.), *Stress and health: issues in research methodology* (pp. 283-305). New York Wiley.

Cohen, F., & Lazarus, R. S. (1973). Active *coping* processes, *coping* dispositions and recovery from surgery. *Psychosomatic Medicine*, 35, 375-389.

Cooper, C. & Payne, R. (1988). *Causes, Coping and Consequences of Stress at Work*. Chichester: Wiley.

Dancey, C. P., & Reidy, J. (2006). *Estatística sem matemática para Psicologia usando o SPSS para Windows*. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed.

Dewa, C. S. (2007). Mental illness and the workplace; a national concern. *The Canadian Journal of Psychiatry*, 52(6), 337-339.

Endler, N. S., & Parker, J. D. A. (1990). Multidimensional assessment of *coping*: A critical evaluation. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58, 844-854.

Felton, B. J., & Revenson, T. A. (1984) *Coping* with chronic illness. A study of illness controllability and the influence of *coping* strategies on psychological adjustment. *Journal of Consulting Clinical Psychology*, 52,343-353.

Folkman, S. & Lazarus, R. S. (1980). An analysis of *coping* in a middle-aged community sample. *Journal of Health and Social Behavior*, 21, 219-239.

Folkman, S., Lazarus, R.S., Dunkel-Schetter, C., DeLongis, A., & Gruem, R.J. (1986). Dynamics of a stressful encounter: cognitive appraisal, *coping* and encounter outcomes. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50(5), 992-1003.

Folkman, S., Lazarus, R.S., Gruen, R.J. & De Longis, A. (1986). Appraisal, *coping*, health status and psychological symptoms. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50, 571-579.

Fleming, R., Baum, A., & Singer, J. E. (1984). Toward and integrative approach to the study of stress. *Journal of Personality and Social Psychology*, 46, 939-949.

França, A., & Rodrigues, A. (1999). *Stress e trabalho: uma abordagem psicossomática*. 2ª edição. São Paulo: Atlas.

Gadzella, B., Pierce, D., & Young, A. (2008). Development and analyses of the *Coping Stress Inventory*. *College Student Journal*, 42(2), 254-264

Gardner, B., Rose, J., Mason, O., Tyler, P., & Cushway, D. (2005). Cognitive therapy and behavioural *coping* in the management of work-related stress: An intervention study. *Work & Stress*, 19(2), 137-152.

Gimenes, M. G. G., & Queiroz, B. (1997). As diferentes fases de enfrentamento durante o primeiro ano após a mastectomia. In M. G. G. Gimenes, & M. H. Fávero (Orgs.). *A mulher e o câncer* (pp. 171-195). Campinas: Editorial Psy.

Holahan, C.J., & Moos, R.H. (1985). Life stress and health: Personality, coping, and family support in stress resistance. *Journal of Personality and Social Psychology*, 49, 739-747.

Holahan, C. J., Moos, R. H., & Schaefer, J. A. (1996). Coping, stress, resistance, and growth: Conceptualizing adaptive functioning. In M. Zeidner, & N. S. Endler (orgs.). *Handbook of coping: Theory, research, applications* (pp. 24-43). New York: Wiley.

Howard, R. W. (1984). *Coping and adapting*. London: Angus & Robertson.

Justice, B. _ Stress, Coping and Health Outcomes. In: Russell, M.L. *Stress Management for Chronic Disease*. Oxford, Pergamon Press, Cap. 2, 14-29, 1988.

Kompier, M. A., & Kristensen, T. S. (2003). As intervenções em estresse organizacional: considerações teóricas, metodológicas e práticas. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 6, 37-58

Latack, J.C. (1986) Coping with job stress: Measures and future directions for scale development. *Journal of Applied Psychology*, 71, 337-385.

Latack, J.C., & Havlovic, S.J. (1992) Coping with job stress: a conceptual evaluation framework for coping measures. *Journal of organizational Behavior*, 13,479-508.

Lazarus, R. & Folkman, S. (1984). *Stress, Appraisal and Coping*. New York: Springer.

Long, B. C. (1990) Relation between coping strategies, sex-typed traits, and environmental characteristics: A comparison of male and female managers. *Journal of Counseling Psychology*, 37, 185-194.

Mathews, K. A. (1982). Psychological perspectives on the Type A behavior pattern. *Psychological Bulletin*, 91, 293-323

Miller, S. M. (1981). Predictability and human stress: Toward clarification of evidence and theory. *Advances in Experimental Social Psychology*, 14, 203-255.

Moos, R.H., & Schaefer, J.A. (1993) Coping resources and processes: current concepts and measures. In L. Goldberger and S. Brtsnitz (Orgs.). *Handbook of Stress* (pp. 234-257). New York Free Press.

Noronha, A. P. P., Freitas, F. A. & Ottati, F. (2002). Parâmetros psicométricos de testes de inteligência. *Interação em Psicologia*, 6 (2), 195-201.

O'Driscoll, M. P., & Cooper, C. L. (1994). Coping with work-related stress: a critique of existing measures and proposal for an alternative methodology. *Journal of Occupational and Organizational Psychology*, 67(4), 343-352.

Organização Mundial de Saúde (OMS) (2000). *Classificação internacional de doenças e problemas relacionados à saúde: CID 10* (3a ed.). São Paulo: EDUSP.

Pasquali, L. (1996). *Teoria e métodos de medida em ciências do comportamento*. Brasília: INEP.

Pasquali, L. (1997). *Psicometria: teoria e aplicações*. Brasília: UNB.

Pasquali, L. (1999). *Instrumentos psicológicos: Manual prático de elaboração*. Brasília: LabPAM & IBAPP.

Pais Ribeiro, J., & Rodrigues, A. (2009). Quando a avaliação do coping precisa de ser breve: estudo de uma versão ainda mais reduzida do brief cope: In: S.N. de Jesus, I.Leal, & M.Rezende (Edts). *Actas do I Congresso Luso-Brasileiro de Psicologia da Saúde* (pp.473-481). Faro: CUIP

Parker, J. D. A., & Endler, N. S. (1992) Coping with coping assessment: a critioal review. *European Journal of Personality*, 6, 321-344.

Pereira, J. C. R. (1999). *Análise de dados qualitativos: estratégias metodológicas para as ciências da saúde, humanas e sociais*. São Paulo: EDUSP/FAPESP.

Piko, B. (2001). Gender differences and similarities in adolescents' ways of coping. *The Psychological Record*, 51, 223-235.

Pinheiro, F. A., Tróccoli, B. T., & Tamayo, M. R. (2003). Mensuração de *Coping* no Ambiente Ocupacional. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 19(2), 153-158

Prieto, G., & Mufliz, J. (2000). *Um modelo para avaliar la calidad de tests usados na Espanha*. Acesso em março de 2009, em <http://www.cop.es/vernumero.asp?id=41>

Primi, R. (2005). *Temas em Avaliação Psicológica*. São Paulo: Casa do Psicólogo

Quick, J., Murphy, L. & Hurrell, J. (1992). *Stress and well-being at work: Assessments and interventions for occupational mental health*. Washington, DC: APA.

Ridder, D. (1997). What is wrong with coping assessment? A review of conceptual and methodological issues. *Psychology and Health*, 12, 417-431.

Rodrigues (2007)

Rudolph, K. D., Denning, M. D., & Weisz, J. R. (1995). Determinants and consequences of children's coping in the medical setting conceptualization, review, and critique. *Psychological Bulletin*, 118, 328-357.

SATEPSI (2004). Avaliação dos testes psicológicos. [On-line]. Disponível: <http://www.pol.org.br>. Acesso: 19/06/2010.

Savoia, M.G. (1999). Escalas de eventos vitais e de estratégias de enfrentamento (coping). *Revista de Psiquiatria Clínica*, 26(2) Edição Especial, 56-67.

Savoia, M.G. (1995) Relação Entre Eventos Vitais Adversos e Mecanismos de "Coping" no Transtorno do Pânico. *Tese de doutorado. Instituto de Psicologia da USP*.

Savóia, M. G., Santana, P. R., & Mejias, N. P. (1996). Adaptação do inventário de estratégias de coping de Folkman e Lazarus para o português. *Psicologia USP*, 7, 183-201.

Schwarzer, R., & Schwarzer, C. (1996). A critical survey of coping instruments. In M. Zeidner, & N. S. Endler (orgs.). *Handbook of coping: Theory, research, applications* (pp. 107-132). New York: Wiley.

Seidl, E. M. F., Tróccoli, B. T., & Zannon, C. M. L. C. (2001). Análise fatorial de uma medida de estratégias de enfrentamento. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 17, 3, 225-234.

Stone, A.A., Greenberg, M.A., Kennedy-Moore, E., & Newman, M.G. (1991) Self-report, situation-specific coping questionnaires: what are they measuring? *Journal of Personality and Social Psychology*, 61, 648-658.

Tabachnick, B. G. & Fidell, L. S. (2007). *Using Multivariate Statistics* (5ª edição) Boston: Pearson Education, Inc.

Taquette, S. R., Vilhena, M. M., & Campos de Paula, M. (2004). Doenças sexualmente transmissíveis e gênero: Um estudo transversal com adolescentes no Rio de Janeiro. *Cadernos de Saúde Pública*, 20(1), 282-290.

Tennen, H., & Herzberger, S. (1985) Ways of Coping Scale. In D. J. Keyser and R.C. Sweetland (Orgs.) Test Critiques, Volume 3,(p. 68-79). Kansas City: Test Corporation of America.

Urbina, S. (2007). *Fundamentos da testagem psicológica*. Porto Alegre: Artmed.

Vitaliano, P. P., Russo, J., Carr, J. E., Maiuro, R. D., & Becker, J. (1985). The ways of coping checklist: Revision and psychometric properties. *Multivariate Behavioral Research*, 20, 3-26.

Weyers, P., Ising, M., & Janke, W. (2005). Effects of imagined stress intensity on responses in a stress coping inventory. *Anxiety, Stress, and Coping*, 18(2), 117- 130.

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO**

Formato 1

CONSTRUÇÃO DE UMA ESCALA DE COPING OCUPACIONAL (ESCO)

Eu....., portador(a) do RG..... abaixo assinado, dou meu consentimento livre e esclarecido para participar como voluntário do projeto de pesquisa supra-citado, sob a responsabilidade do(s) pesquisador(es) Prof. Dr. Makilim Nunes Baptista e Gisele Aparecida da Silva Alves, do curso de Psicologia-Itatiba, da Universidade São Francisco.

Assinando este Termo de Consentimento estou ciente de que:

1 – O objetivo da pesquisa é desenvolver e buscar evidência de validade para a ESCALA DE COPING OCUPACIONAL (ESCO).

2 – Durante o estudo será aplicado 1 (um) instrumento de auto-relato, a Escala de Coping Ocupacional (ESCO), sendo estimado o tempo de 30 minutos para responder a este.

3 – Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a minha participação na referida pesquisa;

4 – A resposta a este(s) instrumento(s)/ procedimento(s) poderão causar constrangimento, mas não trará riscos à saúde física e mental;

5 – Estou livre para interromper a qualquer momento minha participação na pesquisa sem causar nenhum prejuízo à minha pessoa;

6 – Meus dados pessoais serão mantidos em sigilo e os resultados gerais obtidos na pesquisa serão utilizados apenas para alcançar os objetivos do trabalho, expostos acima, incluída sua publicação na literatura científica especializada;

7 – Poderei contatar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade São Francisco para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa pelo telefone: (11) 4034-8442;

8 – Poderei entrar em contato com o responsável pelo estudo, Prof. Dr. Makilim Nunes Baptista, sempre que julgar necessário pelo telefone: (11) 4534-8046;

9 – Este Termo de Consentimento é feito em duas vias, sendo que uma permanecerá em meu poder e outra com o pesquisador responsável.

_____, _____ de 200__

Assinatura:

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO**

Formato 2

CONSTRUÇÃO DE UMA ESCALA DE COPING OCUPACIONAL (ESCO)

Eu....., portador(a) do RG..... abaixo assinado, dou meu consentimento livre e esclarecido para participar como voluntário do projeto de pesquisa supra-citado, sob a responsabilidade do(s) pesquisador(es) Prof. Dr. Makilim Nunes Baptista e Gisele Aparecida da Silva Alves, do curso de Psicologia-Itatiba, da Universidade São Francisco.

Assinando este Termo de Consentimento estou ciente de que:

- 1 – O objetivo da pesquisa é desenvolver e buscar evidência de validade para ESCALA DE COPING OCUPACIONAL (ESCO).
- 2 – Durante o estudo será aplicado 1 (um) instrumento de auto-relato, a Escala de Coping Ocupacional (ESCO), sendo estimado o tempo de 30 minutos para responder a todos estes.
- 3 – Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a minha participação na referida pesquisa;
- 4 – A resposta a este(s) instrumento(s)/ procedimento(s) poderão causar constrangimento, mas não trará riscos à saúde física e mental;
- 5 – Estou livre para interromper a qualquer momento minha participação na pesquisa sem causar nenhum prejuízo à minha pessoa;
- 6 – Meus dados pessoais serão mantidos em sigilo e os resultados gerais obtidos na pesquisa serão utilizados apenas para alcançar os objetivos do trabalho, expostos acima, incluída sua publicação na literatura científica especializada;
- 7 – Poderei contatar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade São Francisco para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa pelo telefone: (11) 4034-8442;
- 8 – Poderei entrar em contato com o responsável pelo estudo, Prof. Dr. Makilim Nunes Baptista, sempre que julgar necessário pelo telefone: (11) 4534-8046;
- 9 – Este Termo de Consentimento é feito em duas vias, sendo que uma permanecerá em meu poder e outra com o pesquisador responsável.

_____, _____ de 200__

Assinatura: